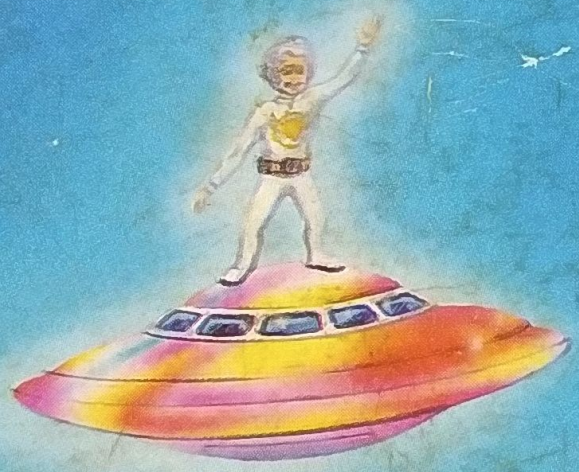
8ª EDIÇÃO

Ámi

O Menino das Estrelas







Enrique Barrios

AMI O MENINO DAS ESTRELAS

BREVE CRÔNICA DE UM ÊXITO LITERÁRIO

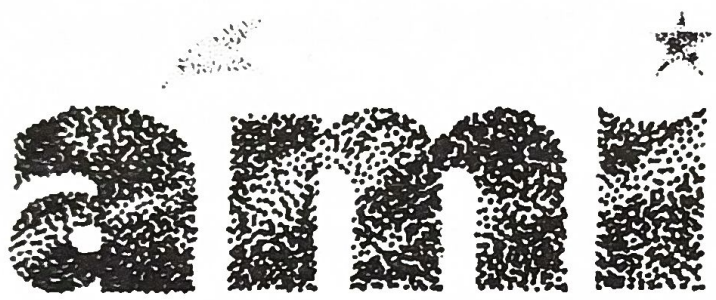
Este volume aparece no Chile em 1986, editado por uma pequena editora, cujo dono é amigo do autor. Não conta com apoio de publicidade nem contatos no mundo dos livros; apesar disso, três anos depois já tem dezesseis edições, o público e a crítica o apoiaram, transformando-se no título de maior venda constante no Chile. Inúmeros educadores o incorporaram aos seus programas de estudo, apoiando e difundindo assim a mensagem de confraternização entre os povos, de paz, amor e esperança, expressada pelo pequeno extraterrestre, com seu estilo divertido, risonho e picaresco.

O Papa João Paulo II recebe um exemplar e poucos dias depois decide premiar o autor com sua bênção. Apesar de não se tratar de um livro religioso, coincide em eleger o Amor como o fundamento de uma nova civilização.

Desinteressados, anônimos e espontâneos difusores introduzem a obra, reproduzindo-a através de cópias xerox, em diversos países. Desta forma ela é descoberta por editores que também estão comprometidos com a causa por um futuro melhor. Assim é traduzida e editada em inglês, alemão e francês; mas esse é somente o começo, porque esta obra está destinada a converter-se em um título de alcance mundial.

A editora ERREPAR desfruta o privilégio de ter sido designada para levar a todas as crianças e adultos da América Latina este ideal universalista, considerando este trabalho uma importante missão que contribui para elevar o nível de consciência da humanidade, único caminho através do qual poderemos superar as fronteiras sociais, ideológicas, raciais, nacionalistas e religiosas, que lamentavelmente dividem os integrantes da família do planeta Terra, situação que sem dúvida alguma será superada em um breve futuro, porque o Amor vai triunfar.

Enrique Barrios



O Menino das Estrelas

Narração

ERREPAR

Título Original: Ami "El niño de las estrellas"

Ilustração da capa: Ernesto Spezzafune

Tradução: Márcia Pustilnik de Almeida Vieira

© 1990 ERREPAR S.A.

Direitos adquiridos para a língua portuguesa:
Ed. Errepar S.A.

Edita e distribui:
ERREPAR S.A.
Av. San Juan 960
1147 Buenos Aires
República Argentina
Tel.: 27-4394 - 27-5142
Fax: (541) 27-6608 - (541) 304-9541

É proibido reproduzir total ou parcialmente
sem autorização por escrito da editora

Feito o depósito que obriga a Lei 11.723

Impresso na Argentina
Printed in Argentina

ISBN 950-739-047-2

ADVERTÊNCIA
(Destinada somente para adultos)

Não continue lendo, você não vai gostar, daqui em diante é maravilhoso.

Dedicado às crianças
de qualquer nação
desta redonda e bela pátria
esses futuros herdeiros e construtores
de uma nova Terra
sem divisões entre irmãos.

"Quando juntos se hão de reunir os povos,
e os reinos
para servir ao Senhor."
(Salmo 101:23)

"... e das suas espadas forjarão relhas de arados,
e das suas lanças, foices.
Não levantará a espada uma nação contra outra nação,
nem daí por diante se adestrarão mais para a guerra."
(Isaías 2:4)

"... e os meus escolhidos herdarão
esta terra,
e o meus servos habitarão nela."
(Isaías 65:9)

Primeira Parte

Capítulo 1

O primeiro encontro

Tudo começou numa tarde do verão passado, numa praia que vou quase todos os anos com a minha avó.

Desta vez conseguimos uma casinha de madeira. Havia muitos pinheiros e boldos do Chile no quintal e, na frente, um jardim cheio de flores. Estava perto do mar, num caminho que leva até a praia.

Iam ficando poucas pessoas porque o verão já estava terminando. Minha avó gosta de tirar férias nos primeiros dias de março; ela diz que é mais tranqüilo e mais barato.

Começou a escurecer; eu estava sentado numas pedras altas perto de uma praia solitária, contemplando o mar. De repente, vi no céu uma luz vermelha em cima de mim. Pensei que eram fogos de artifício, desses que se soltam no ano novo. Vinha descendo, mudando de cores e largando faíscas. Quando chegou mais perto percebi que não eram fogos de artifício, porque ao crescer chegou a ter o tamanho de um ultraleve ou talvez até maior...

Caiu no mar a uns cinqüenta metros da beira, na minha frente, sem fazer nenhum barulho. Pensei que tinha sido testemunha de um acidente aéreo. Olhei procurando algum paraquedista no céu, não encontrei nenhum. Nada alterava o silêncio e a tranqüilidade da praia.

Tive muito medo e senti vontade de sair correndo para contar à minha vovó; mas esperei um pouco para ver se via alguma outra coisa. Quando já estava indo embora, apareceu alguma coisa branca boiando no ponto onde eu tinha visto cair o avião, ou o que quer que fosse: alguém vinha nadando para as pedras. Imaginei que era o piloto, que tinha conseguido se salvar do acidente. Esperei que se aproximasse, para tentar ajudá-lo.

Como nadava com agilidade, compreendi que não estava ferido.

Quando chegou mais perto, percebi que se tratava de um menino. Chegou até as pedras e antes de começar a subir me olhou amigavelmente. Pensei que ele estava contente por ter se salvado; a situação não parecia dramática para ele, e isso me acalmou um pouco. Veio até onde eu estava, sacudiu a água dos cabelos e sorriu; aí eu me tranqüilizei definitivamente; ele tinha cara de ser um menino bom. Sentou-se ao meu lado, suspirou com resignação e ficou olhando as estrelas que começavam a brilhar no céu.

Parecia mais ou menos da minha idade, um pouco menor e mais baixinho; usava uma espécie de uniforme branco como de piloto, feito com algum material impermeável, pois não estava molhado; sua roupa terminava com um par de botas brancas com solas grossas. Levava ao peito um escudo dourado: um coração alado dentro de um círculo.

Seu cinto, também dourado, tinha de cada lado algo parecido a rádios portáteis, e no centro, uma grande fivela muito bonita.

Sentei-me ao seu lado. Ficamos um momento em silêncio; como ele não dizia nada, perguntei o que tinha acontecido.

—Uma aterrizagem forçada —respondeu, rindo.

Era simpático, e como tinha um sotaque bastante estranho, imaginei que viesse de outro país no avião. Seus olhos eram grandes e bondosos.

—Que aconteceu com o piloto? —perguntei. Como ele era um menino, achei que o piloto deveria ser uma pessoa adulta.

—Nada. Ele está aqui, sentado com você —respondeu.

—Ah! —fiquei maravilhado. Esse menino era um prodígio! Na minha idade já dirigia avião! Imaginei que seus pais fossem ricos.

Foi ficando noite e tive frio. Ele percebeu, pois me perguntou:

—Você está com frio?

—Estou.

—A temperatura é agradável —disse-me, sorrindo. Senti que realmente não estava fazendo frio.

—É verdade —respondi.

Depois de alguns minutos perguntei o que ele ia fazer.

—Realizar a missão —respondeu, sem deixar de olhar para o céu.

Pensei que estava diante de um menino importante, não como eu, um simples estudante em férias. Ele tinha uma missão... talvez algo secreto... Não me atrevi a perguntar de que se tratava.

—Não lhe dá pena ter perdido o avião?

—Não se perdeu —respondeu, deixando-me sem compreender.

—Não se destruiu por completo?

—Não.

—Como você vai tirá-lo da água para consertar... ou não vai poder?

—Oh! sim, vou poder tirá-lo da água. Observando-me com simpatia perguntou: como você se chama?

—Pedro —respondi, mas eu começava a não gostar disso: ele não respondia a minha pergunta. Parece que ele percebeu meu desagrado e achou graça.

—Não se zangue, Pedrinho, não se zangue... Quantos anos você tem?

—Dez...quase. E você?

Riu com suavidade, com o riso de um nenen quando a gente faz cócegas nele. Senti que ele estava querendo se mostrar mais importante do que eu, porque ele dirigia um avião e eu não; isso não me agradava. Contudo, ele era simpático, agradável, e eu não consegui me zangar realmente com ele.

—Tenho mais anos dos que você seria capaz de acreditar —respondeu, sorrindo. Tirou do seu cinto uma espécie de calculadora de bolso, que ele ligou e onde apareceram uns sinais desconhecidos para mim. Fez alguns cálculos e quando viu a resposta me disse sorrindo:

—Não, não... se eu disser você não vai acreditar...

Ficou noite e apareceu uma bela lua cheia que iluminava a praia toda. Olhei para o seu rosto com atenção. Ele não podia ter mais do que uns oito anos, e apesar disso já era piloto de avião... Será que era mais velho?... Não seria um anão?

—Você acredita nos extraterrestres? —perguntou-me para surpresa minha. Demorei um bom tempo em responder. Ele me observava com os olhos cheios de luz, dando a impressão que as estrelas da noite se refletiam nas suas pupilas. Era realmente muito bonito para ser normal. Lembrei do avião em chamas, sua aparição, sua calculadora com estranhos sinais, seu sotaque, sua roupa... além disso, era um menino, e nós, os meninos, não pilotamos aviões...

—Você é um extraterrestre? —perguntei, com um pouco de medo.

—E se fosse... Você teria medo?

Foi então que eu soube que ele vinha, mesmo, de outro planeta.

Fiquei um pouco assustado, mas seu olhar estava cheio de bondade.

—Você é malvado? —perguntei, um pouco tímido. Ele deu risada, divertido.

—Quem sabe você é até um pouco mais malvadinho do que eu...

—Por quê?

—Porque você é um terrícola.

—Você é de verdade um extraterrestre?

—Não precisa se assustar —consolou-me sorrindo e apontou para as estrelas enquanto dizia: este universo está cheio de vida... milhões e milhões de planetas são habitados... tem muita gente boa ali em cima...

Suas palavras produziam um estranho efeito em mim. Quando ele dizia essas coisas eu podia "ver" esses milhões de mundos habitados por pessoas bondosas. Perdi o medo. Decidi aceitar sem me surpreender que ele era um ser de outro planeta. Parecia amigável e inofensivo.

Por que você diz que os terrícolas são malvados? —perguntei. Ele continuou olhando para o céu e disse:

—Que belo é ver-se o firmamento daqui da Terra... Esta atmosfera lhe dá um brilho... uma cor...

Não estava me respondendo outra vez. Novamente me aborreci; além disso eu não gosto que pensem que eu sou malvado, não sou mesmo, ao contrário: queria ser explorador quando fosse grande e caçar gente malvada nos momentos livres...

—Lá nas Plêiades, há uma civilização maravilhosa...

—Não somos todos malvados aqui...

—Veja essa estrela... ela era assim há um milhão de anos... já não existe...

—Eu disse que não somos todos malvados aqui. Por que você disse que todos os terrícolas são malvados? Ein?

—Não foi isso o que eu disse —respondeu sem deixar de olhar o céu; seu olhar brilhava— É um milagre...

—Você disse!

Como levantei a voz, consegui tirá-lo dos seus sonhos; estava igual a uma prima minha quando fica olhando a foto de seu cantor preferido; ela está louquinha por ele.

Olhou-me com atenção; não parecia estar zangado comigo.

—Quis dizer que os terrícolas normalmente não são tão bons como os habitantes de outros mundos do espaço.

—Está vendo? Você está dizendo que somos os mais malvados do Universo.

Ele riu de novo e me acariciou os cabelos.

—Também não foi isso o que eu quis dizer.

Aí eu não gostei nada. Puxei a cabeça para trás. Se tem algo que eu não gosto é de que me tratem como um bobo, porque sou um dos primeiros da minha turma, além disso vou fazer DEZ ANOS.

—Se este planeta é tão ruim, o que é que você está fazendo aqui?

—Você já reparou como a lua se reflete no mar?

Ele continuava a me ignorar e a mudar de assunto.

—Você disse para reparar no reflexo da lua?

—Talvez... Você já percebeu que nós estamos flutuando no universo?

Quando ele disse isso, achei que tinha entendido a verdade: esse menino estava louco. Claro! Pensava que era um extraterrestre, por isso dizia coisas tão estranhas. Eu quis voltar para casa, de novo me sentia mal, mas agora, por ter acreditado nas suas histórias fantásticas. Ele estava caçoando de mim... extraterrestre... e eu acreditei!. Senti vergonha, raiva de mim mesmo e dele. Tive vontade de dar-lhe um murro no nariz.

—Por quê? O meu nariz é muito feio?

—Fiquei paralisado. Tive medo. Ele tinha lido o meu pensamento! Olhei para ele. Sorria vitorioso. Não quis me render, preferi pensar que isso foi por pura casualidade, uma coincidência entre o que eu pensei e o que ele disse. Não demonstrei surpresa, quem sabe era verdade, mas eu tinha que comprovar... talvez estivesse diante de um ser de outro mundo, um extraterrestre que podia ler o pensamento.

Decidi colocá-lo à prova.

—Que estou pensando agora? —disse isso e fiquei pensando num bolo de aniversário.

—Não são suficientes as provas que você já tem? —perguntou. Mas eu não estava disposto a ceder nem um milímetro.

—Que provas?

Esticou as pernas e apoiou os cotovelos nas pedras.

—Veja, Pedrinho, existem outros tipos de realidades, outros mundos mais sutis, com portas sutis para inteligências sutis...

—Que significa sutis?

—Com quantas velinhas?... —disse sorrindo.

Foi como um soco no estômago. Tive vontade de chorar, senti-me tonto e fraco. Pedi que me desculpasse, mas ele não se incomodou por aquilo, não prestou atenção e deu risada.

Decidi não duvidar mais dele.

Capítulo 2

Pedrinho voador

—Venha, fique na minha casa —ofereci, pois já era tarde.

—Melhor não incluirmos adultos na nossa amizade —disse, franzindo o nariz enquanto sorria.

—Mas eu tenho que ir...

—Sua avó dorme profundamente, não vai sentir sua falta se a gente conversar um pouco.

De novo senti surpresa e admiração. Como é que ele sabia da minha avó?... Lembrei que era um extraterrestre.

—Você pode ver a vovó?

—Da minha nave vi que ela já estava quase dormindo —respondeu com malícia. Depois, exclamou estusiasmado:

—Vamos passear pela praia! Levantou-se e deu um salto, correu até a beira da pedra que era altíssima e se lançou à areia.

Descia lentamente, planando como uma gaivota!

Lembrei que não devia surpreender-me demais por nada que viesse daquele alegre menino das estrelas.

Desci da pedra como pude, com muito cuidado.

—Como você faz? perguntei, referindo-me a seu incrível planar.

—Sentindo-me como uma ave —respondeu, e saiu correndo alegremente entre o mar e a areia, sem ter nenhum motivo especial para fazer isso. Teria gostado de poder atuar como ele, mas não podia.

—Claro que pode!

Outra vez tinha captado meu pensamento. Veio até mim tentando me animar e disse: Vamos correr e saltar como pássaros! Então me deu a mão e senti uma grande energia. Começamos a correr pela praia.

—Agora... vamos saltar!

Ele conseguia se elevar muito mais do que eu e me impulsava para cima com sua mão. Parecia que se suspendia no ar por instantes. Continuávamos correndo e de trecho em trecho saltávamos.

—Somos aves, somos aves! —embriagava-me e animava. Pouco a pouco fui deixando meu pensamento habitual, fui me transformando, já não era o mesmo menino de todos os dias. Animado pelo extraterrestre fui decidindo ser leve, como uma pluma, estava pouco a pouco aceitando ser uma ave.

—Agora... pule!

Realmente, começávamos a nos manter no ar durante alguns instantes. Caíamos suavemente e continuávamos correndo, para depois novamente elevar-nos. Cada vez era melhor, isso me surpreendia...

—Não se surpreenda... você pode... agora!

Em cada tentativa era mais fácil conseguir. Corríamos e saltávamos como em câmara lenta, pela beira da praia, numa noite de lua e cheia de estrelas... Parecia outra maneira de existir, outro mundo.

—Com amor pelo vôo! —animava-me. Um pouco mais adiante soltou minha mão.

—Você pode, claro que pode! —olhava-me, transmitindo-me confiança enquanto corria ao meu lado.

—Agora! Elevávamo-nos lentamente, mantínhamo-nos no ar e começávamos a cair como se planássemos, com os braços abertos.

—Bravo, bravo! —felicitava-me.

Não sei quanto tempo brincamos nessa noite. Para mim foi como um sonho.

Quando me cansei, joguei-me na areia, ofegante e rindo feliz. Tinha sido fabuloso, uma experiência inesquecível.

Não disse nada a ele, mas por dentro agradeci ao meu estranho amiguinho por ter me permitido realizar coisas que eu pensava fossem impossíveis. Ainda não sabia todas as surpresas que me esperavam naquela noite...

As luzes de um balneário brilhavam do outro lado da baía. Meu amigo contemplava com deleite os movediços reflexos sobre as águas noturnas, extasiado, deitado na areia banhada pela claridade da lua, depois enchia-se de júbilo olhando a lua cheia.

—Que maravilha... ela não cai! —ria— Este seu planeta é muito lindo!

Nunca tinha pensado nisso, mas agora, ao auvi-lo... sim, era lindo ter estrelas, mar, praia e uma lua tão bonita ali pendurada... e além do mais, não caía...

—O seu planeta não é bonito? —perguntei. Suspirou profundamente olhando para um ponto do céu, a nossa direita.

—Oh, sim, também é, mas todos nós sabemos isso... e cuidamos dele...

Lembrei que ele tinha insinuado que os terrícolas não são muito bons. Pensei que tinha compreendido umas das razões: nós não valorizamos nem cuidamos do nosso planeta; eles sim, preocupam-se com o deles; eles sim cuidam do deles.

—Como você se chama?

Achou engraçada minha pergunta.

—Não posso lhe dizer.

—Por que... é um segredo?

—Que nada; não existem segredos! Somente que não existem em seu idioma esses sons.

—Que sons?

—Os do meu nome.

Isso me surpreendeu, porque eu tinha pensado que ele falava meu idioma, apenas com outro sotaque.

—Então, como você aprendeu a falar minha língua?

—Nem a falo, nem a compreendo...Somente tenho isto —respondeu, divertido, enquanto pegava um aparelho do seu cinto.

Isto é um "tradutor". Esta caixinha explora o seu cérebro na velocidade da luz e me transmite o que você quer dizer, assim eu posso compreender, e quando vou dizer alguma coisa ela me faz mover os lábios e a língua como você o faria... bom...quase como você. Nada é perfeito.

Guardou o "tradutor" e ficou contemplando o mar, enquanto segurava os joelhos, sentado na areia.

—Então, como posso chamá-lo? —perguntei.

—Você pode me chamar "Amigo", porque é isso o que eu sou: um amigo de todos.

—Vou chamá-lo "Ami". É mais curto e parece um nome.

—Ele gostou do seu apelido novo.

—É perfeito, Pedrinho! —demos um aperto de mãos. Senti que selava uma nova e grande amizade. E assim seria...

—Como se chama o seu planeta?

—Puf!... também não dá. Não existe equivalência dos sons, mas está por ali, apontou sorrindo para umas estrelas.

Enquanto Ami observava o céu, eu fiquei pensando nos filmes de invasores extraterrestres que tinha visto tantas vezes pela televisão.

—Quando vão nos invadir?

Achou engraçada a minha pergunta.

—Por que você pensa que nós vamos invadir a Terra?

—Não sei... nos filmes, todos os extraterrestres invadem a Terra... ou quase todos...

Desta vez sua risada foi tão alegre que me contagiou. Depois tentei me justificar:

—... É que na televisão...

—Claro, a televisão!... Vamos ver uma de invasores —disse, entusiasmado, enquanto da fivela do seu cinto tirava outro aparelho. Apertou um botão e apareceu uma tela acesa. Era uma pequena televisão em cores, sumamente nítida. Mudava os canais rapidamente. O mais surpreendente era que nessa região só se podiam sintonizar dois canais, mas no aparelho ia aparecendo uma infinidade: filmes, programas ao vivo, noticiários, comerciais, tudo em diferentes idiomas e por pessoas de diversas nacionalidades.

—Os de invasores são ridículos —dizia Ami.

—Quantos canais você pode sintonizar aí?

—Todos os que estão transmitindo neste momento no seu planeta... Este aparelho recebe os sinais que os nossos satélites captam e os amplifica. Aqui tem um, na Austrália, veja!

Apareciam uns seres com cabeça de polvo e um montão de olhos saltados cheios de veias vermelhas. Disparavam raios verdes contra uma multidão de aterrorizados seres humanos. Meu amigo parecia divertir-se com esse filme.

—Que barbaridade! Você não acha cômico, Pedrinho?

—Não, por quê?

—Porque esses monstros não existem. Somente nas monstruosas imaginações dos que inventam esses filmes...

Não me convenceu. Tinha estado anos vendo todo tipo de seres espaciais perversos e espantosos, impossíveis de serem apa-

gados de uma vez.

—Mas se aqui mesmo na Terra tem iguanas, crocodilos, polvos, por que não vão existir em outros mundos?

—Ah, isso. Claro que tem, mas não constroem pistolas de raios, são como os daqui: animais. Não são inteligentes.

—Mas talvez existam mundos com seres inteligentes e malvados...

—"Inteligentes e malvados"! —Ami dava risada —Isso é como dizer bons-maus.

Eu não conseguia compreender. E esses cientistas loucos e perversos que inventam armas para destruir o mundo, contra os quais Batman e Superman lutam? Ami captou meu pensamento e explicou rindo:

—Esses não são inteligentes; são loucos.

—Bom, então é possível que exista um mundo de cientistas loucos que poderiam nos destruir...

—Além dos daqui da Terra, impossível...

—Por quê?

—Porque se são loucos, destroem-se a si mesmos primeiro. Não conseguem obter o nível científico necessário para poder abandonar seus planetas e partir para invadir outros mundos. É mais fácil construir bombas do que naves intergaláticas, e se uma civilização não tem bondade e alcança um alto nível científico, mais cedo ou mais tarde vai utilizar seu poder científico contra si mesma, muito antes de poder partir para outros mundos.

—Mas em algum planeta poderiam sobreviver, por casualidade...

—Casualidade? No meu idioma não existe essa palavra. Que significa casualidade?

Tive de dar vários exemplos para que ele compreendesse. Quando consegui, ele achou engraçado. Disse que tudo está relacionado, mas que nós não compreendemos a lei que une todas as coisas, ou não a queremos ver.

—É que se são tantos os milhões de mundos, como você diz, poderiam sobreviver alguns malvados sem se destruir. Eu continuava pensando na possibilidade dos invasores. Ami tentou fazer-me compreender:

—Imagine que muitas pessoas têm que pegar uma barra de ferro quente, uma a uma, com as mãos nuas. Qual é a possibilidade de que alguma não se queime?

—Nenhuma; todas se queimam —respondi.

—É assim mesmo, todos os malvados se autodestroem se não conseguem superar sua maldade. Ninguém escapa da lei que rege esse assunto.

—Que lei?

—Quando o nível científico de um mundo supera em muito o nível de amor, esse mundo se autodestrói...

—Nível de amor?

Podia entender com clareza o que é o nível científico de um planeta, mas não compreendia o que era o "nível de amor".

—A coisa mais simples é, para alguns, a mais difícil de compreender... o amor é uma força, uma vibração, uma energia cujos efeitos podem ser medidos por nossos instrumentos. Se o nível de amor de um mundo é baixo, existe infelicidade coletiva, ódio, violência, separatismo, guerras e... com um nível perigosamente alto de capacidade destrutiva... compreende-me, Pedrinho?

—Em geral, não. O que você quer dizer?

—DEVO lhe dizer muitas coisas, mas vamos aos poucos. Comecemos por suas dúvidas.

Ainda não podia acreditar que não existissem monstros invasores. Contei-lhe um filme no qual "extraterrestres lagartos" dominavam muitos planetas porque estavam muito bem organizados. Ele disse:

—Sem amor não pode existir uma organização duradoura. Nesse caso, é preciso obrigar, forçar. Ao final, aparece a rebeldia, a divisão e a destruição. Só existe uma forma universal perfeita de organização, capaz de assegurar a sobrevivência, e é possível naturalmente quando uma civilização se aproxima ao amor, quando evolui. Os mundos que chegam a isso são evoluídos, civilizados, não fazem mal a ninguém. Não existe nenhuma outra alternativa em todo o universo. Uma inteligência maior do que a nossa inventou tudo isto...

Eu continuei sem compreender nem uma palavra, apesar de que depois ele conseguiu me explicar melhor; no momento eu continuava com dúvidas a respeito dos monstros inteligentes e malvados.

—Televisão demais! —exclamou Ami, para logo acrescentar:

—Os monstros que imaginamos estão dentro de nós mesmos. Enquanto não os abandonarmos, não merecemos alcançar as mara-

vilhas do universo... Os malvados não são bonitos nem inteligentes.

—Mas... e essas mulheres lindas e malvadas que aparecem nos filmes?

—Ou não são lindas ou não são más... A verdadeira inteligência, a bondade e a beleza andam de mãos dadas; tudo é conseqüência do mesmo processo evolutivo que leva ao amor.

—Então você quer dizer que não há gente malvada no universo, além dos daqui da Terra?

—Claro que há. Existem mundos nos quais você não poderia sobreviver nem meia hora. Aqui mesmo, na Terra, há um milhão de anos... Existem mundos habitados por verdadeiros monstros humanos...

—Está vendo, está vendo? —exclamei triunfante— você mesmo reconhece, eu tinha razão; eu estava me referindo a esses monstros...

—Mas não se preocupe; eles estão "embaixo", não "em cima", habitam mundos mais atrasados do que este; suas mentes não lhes permitem nem mesmo conhecer a roda, assim que não vão chegar até aqui...

Isso era tranqüilizador.

—Então depois de tudo, os terrícolas não são os mais malvados do universo...

—Não; mas você é um dos mais bobinhos da galáxia!

Rimos como bons amigos.

Capítulo 3

Não se pre-ocupe

—Que símbolo é esse que você usa no peito? —perguntei.

—É o emblema do meu trabalho —respondeu, enquanto apontava para cima— Sabe? aqui "pertinho", num planeta de Sírio, existem praias cor violeta... são esplêndidas. Se você visse o que é um entardecer com esses dois sóis gigantes...

—Você viaja na velocidade da luz?

Minha pergunta lhe pareceu cômica.

—Se eu viajasse tão "devagar" teria ficado velho antes de chegar aqui.

—Com que velocidade você viaja, então?

—Em geral nós não "viajamos"; mais exatamente nos "situamos", mas de uma ponta a outra da galáxia demoraria... —pegou sua calculadora do cinto e fez umas contas— usando suas medidas de tempo... hummmm... uma hora e meia, e de uma galáxia a outra demoraria várias horas.

—Que bárbaro! Como você consegue?

—Você pode explicar para um nenen porque dois mais dois são quatro?

—Não —respondi— nem eu mesmo sei.

—Eu também não posso lhe explicar algumas coisas relacionadas com a contração e a curvatura do espaço-tempo... nem precisa... Veja como deslizam essas pequenas aves pela areia, como se patinassem... que maravilha!

Ami estava contemplando umas aves que corriam em grupo pela praia, colhendo algum alimento que as ondas depositavam na areia. Lembrei que era tarde.

—Tenho que ir embora... minha vovó...

—Ainda está dormindo.

—Estou preocupado.

—Preocupado? Que bobagem.

—Por quê?

—"Pre" significa "antes de". Eu não me "pre-ocupo"; ocupo-me.

—Não o entendo, Ami.

—Não passe a vida imaginando problemas que não aconteceram nem vão acontecer. Desfrute o presente. A vida é curta. Quando aparece um problema real, então você se "ocupa" dele. Você acharia correto que nós estivéssemos preocupados imaginando que podia aparecer uma onda gigante e nos devorar? Seria uma bobagem não desfrutar este momento, nesta noite tão linda... observe essas aves que correm sem preocupação... por que perder este momento por algo que não existe?

—Mas a minha vovó existe...

—Claro, mas não existe nenhum problema com isto... E este momento, não existe?

—Estou preocupado...

—Ah, terrícola, terrícola... Está bem, vamos ver a sua avó.

Pegou seu aparelho de televisão e começou a sintonizar. Na tela apareceu o caminho que leva até a minha casa. A "câmara" ia avançando entre as árvores e as pedras do caminho. Aparecia tudo em cores e iluminado como se fosse dia. Penetramos através de uma janela da casa, apareceu a vovó dormindo profundamente na sua cama, dava até para escutar sua respiração. Aquele aparelho era incrível!

—Dorme como um anjinho —comentou Ami, rindo.

—Não é um filme?

—Não. É "ao vivo e direto"... vamos até a copa.

—A "câmara" atravessou a parede do dormitório e apareceu na copa. Ali estava a mesa, com sua toalha de quadrados grandes, e no meu lugar havia um prato coberto por outro, virado.

—Isto se parece ao meu "ovni"! —brincou Ami— Vamos ver o que você tem para jantar —mexeu alguma coisa no aparelho e o prato de cima ficou transparente como vidro. Apareceu um pedaço de carne assada, com batata frita e salada de tomate.

—Ui! —exclamou Ami, com nojo— como vocês conseguem comer cadáver...

—Cadáver?

—Cadáver de vaca... vaca morta. Um pedaço de vaca morta.

—Assim como ele descrevia, eu também senti nojo.

—Como funciona esse aparelho, onde está a câmara? —perguntei, bastante intrigado.

—Não necessita câmara. Este aparelho focaliza, capta, filtra, seleciona, amplia e projeta... simples, não?

Parecia que ele estava caçoando de mim.

—Por que se vê de dia, se é de noite?

—Existem outras "luzes" que seu olho não pode ver e que este aparelho pode captar.

—Que complicado!

—Nada disso. Eu mesmo fiz este cacareco...

—Você mesmo!

—É muitíssimo antigo, mas eu sinto carinho por ele. É uma lembrança, um trabalho da escola primária...

—Vocês são uns gênios!

—Claro que não. Você sabe multiplicar?

—Claro —respondi.

—Então você é um gênio... para quem não sabe multiplicar. Tudo é uma questão de níveis. Um rádio transistorizado é um milagre para os índios das selvas.

—É verdade. Você acha que algum dia vamos poder ter aqui na Terra invenções como a sua?

Ele ficou sério pela primeira vez. Olhou-me, e seu olhar denotava certa tristeza.

—Não sei.

—Como é que você não sabe; você sabe tudo!

—Tudo não. O futuro ninguém conhece... felizmente.

—Por que você diz "felizmente"?

—Imagine, a vida não teria nenhum sentido se a gente conhecesse o futuro. Você gosta de saber de antemão o final de um filme que está vendo?

—Não. Irrita-me —respondi.

—Gosta de ouvir uma piada que já conhece?

—Também não. É chatíssimo.

—Gostaria de saber que presente você vai receber no seu aniversário?

—Isso ainda menos.

Seu modo de ensinar era ameno, com exemplos claros.

—A vida perderia todo o seu sentido se a gente conhecesse o futuro. Só podemos calcular as possibilidades.

—Como é isso?

—Por exemplo, calcular as possibilidades ou probabilidades que a Terra tem de se salvar...

—Salvar-se, salvar-se de quê?

—Como de quê!... Você não ouviu falar da contaminação, das guerras, das bombas?

—Ah, sim! Você quer dizer que aqui também estamos correndo perigo, como nos mundos dos malvados?

—Existem muitas possibilidades. A relação entre a ciência e o amor está terrivelmente inclinada para o lado da ciência; milhões de civilizações como esta se autodestruíram. É um ponto de mudança... perigoso.

Assustei-me. Nunca tinha pensado seriamente na possibilidade de uma terceira guerra mundial ou de uma catástrofe. Fiquei um bom tempo meditando. De repente, tive uma idéia maravilhosa:

—Façam alguma coisa!

—Alguma coisa como quê?

—Não sei... aterrizar mil naves e dizer aos presidentes que não façam a guerra... alguma coisa assim —Ami riu.

—Se fizéssemos algo assim, a primeira coisa que conseguiríamos seriam milhões de infartos cardíacos, por culpa justamente desses filmes de invasores, e nós não somos desumanos, não podemos provocar algo assim. Em segundo lugar, se disséssemos, por exemplo: transformem suas armas em instrumentos de trabalho, vocês pensariam ser uma estratégia extraterrestre para os debilitar e depois dominar o planeta. Terceiro, vamos supor que cheguem a compreender que somos inofensivos, também não abandonariam as armas.

—Por quê?

—Porque teriam medo dos outros países. Quem vai se desarmar primeiro? Nenhum.

—Mas eles devem ter confiança...

—As crianças podem ter confiança, os adultos não... e menos ainda os presidentes, e com razão, porque alguns sentem vontade de dominar tudo o que podem...

Eu estava realmente nervoso. Comecei a procurar uma solução para evitar a guerra e a possível destruição da humanidade. Pensei que os extraterrestres poderiam tomar o poder pela força na Terra, destruir as bombas e nos obrigar a viver em paz. Disse isso a ele. Quando parou de rir, afirmou que eu não conseguia deixar de ser terrícola ao pensar.

—Por quê?

—*Pela força, destruir, obrigar,* tudo isso é terrícola, incivilizado, violência. A liberdade humana é algo sagrado, tanto a nossa como a alheia. *Obrigar* não existe em nossos mundos; cada pessoa é valiosa e respeitada. *Pela força e destruição* é violência, o que vem de "violar"; violar a Lei do universo...

—Então vocês não fazem a guerra? —Ainda não tinha terminado de fazer esta pergunta quando me senti estúpido por tê-la feito.

Olhou-me com carinho e colocando sua mão no meu ombro, disse:

—Nós não fazemos a guerra, porque acreditamos em Deus.

Sua resposta surpreendeu-me muito. Eu também acreditava em Deus, mas ultimamente estava pensando que somente os padres do meu colégio acreditavam Nele, e também as pessoas com pouca cultura, porque tenho um tio que é físico nuclear da Universidade e ele diz que "a inteligência matou Deus".

—Seu tio é um tolo —afirmou Ami, depois de ler meus pensamentos.

—Não acho; ele é considerado um dos homens mais inteligentes do país.

—É um tolo —Ami insistia— a maçã pode matar a macieira? A onda pode matar o mar?...

—Pensei que...

—Enganou-se. Deus existe.

Fiquei pensando em Deus, um pouco arrependido por ter duvidado da sua existência.

—Ei, tira essa barba e essa túnica!

Ami ria, porque tinha visto minhas imagens mentais de Deus.

—Então... não tem barba, Deus raspa a barba?

Meu amigo espacial se divertia com minha confusão.

—Esse é um deus terrestre demais —comentou.

—Por quê?

—Porque tem a aparência de um terrestre.

O que ele estava querendo me dizer? Que os extraterrestres não têm aparência humana?

—Mas, como? ... Você disse que os seres humanos de outros mundos não têm forma estranha ou monstruosa, apesar disto, você mesmo parece um terrestre...

Ami, rindo, pegou um graveto e desenhou uma figura humana na areia.

—O modelo humano é universal: cabeça, tronco e membros, mas existem pequenas variações em cada mundo: altura, cor da

pele, forma das orelhas; pequenas diferenças. Sou parecido a um terrestre porque as pessoas do meu planeta são iguais às crianças da Terra, mas Deus não tem forma de homem. Venha, vamos passear.

Começamos a andar pelo caminho que vai ao povoado. Colocou seu braço no meu ombro e senti nele o irmão que nunca tive.

De longe se escutavam algumas aves noturnas a grasnar. Ami parecia deleitar-se com esses sons; inspirou o ar marítimo e disse:

—Deus não tem aparência humana —seu rosto brilhava na noite ao falar do Criador— não tem forma alguma, não é uma pessoa como você ou como eu. É um Ser infinito, pura energia criadora... puro amor...

—Ah!

Ele dizia isso de uma maneira tão bela, que conseguia que eu me emocionasse.

—Por isso, o universo é lindo e bom... É maravilhoso.

Pensei nos habitantes desses mundos primitivos que ele tinha mencionado, e também nas pessoas malvadas deste mesmo planeta.

—E os maus?

—Eles chegarão a ser bons algum dia...

—Era melhor se eles tivessem nascido bons logo do começo, assim não haveria nada ruim em nenhum lugar.

—Se não se conhecesse o mal, como se poderia desfrutar o bem, como se poderia dar-lhe valor? —perguntou Ami.

—Não entendo direito.

—Você não acha maravilhoso poder olhar, ver?

—Não sei. Nunca tinha pensado nisso... acho que sim.

—Se você tivesse nascido cego e de repente adquirisse a visão, então você acharia maravilhoso poder ver...

—Ah, sim!

—Aqueles que viveram existências difíceis, violentas, quando conseguem atingir uma vida mais humana a valorizam como ninguém... Se nunca existisse noite, não poderíamos desfrutar o amanhecer...

Íamos caminhando pela ruazinha iluminada pela lua e ladeada de árvores. Passamos pela frente de minha casa, entrei silenciosamente para pegar um suéter e voltei ao lado de Ami. Continuamos caminhando e conversando. Ele contemplava tudo enquanto fala-

va. Ainda não apareciam as primeiras ruas do povoado nem as luzes dos postes da cidadezinha.

—Você percebe o que está fazendo? —perguntou-me de surpresa.

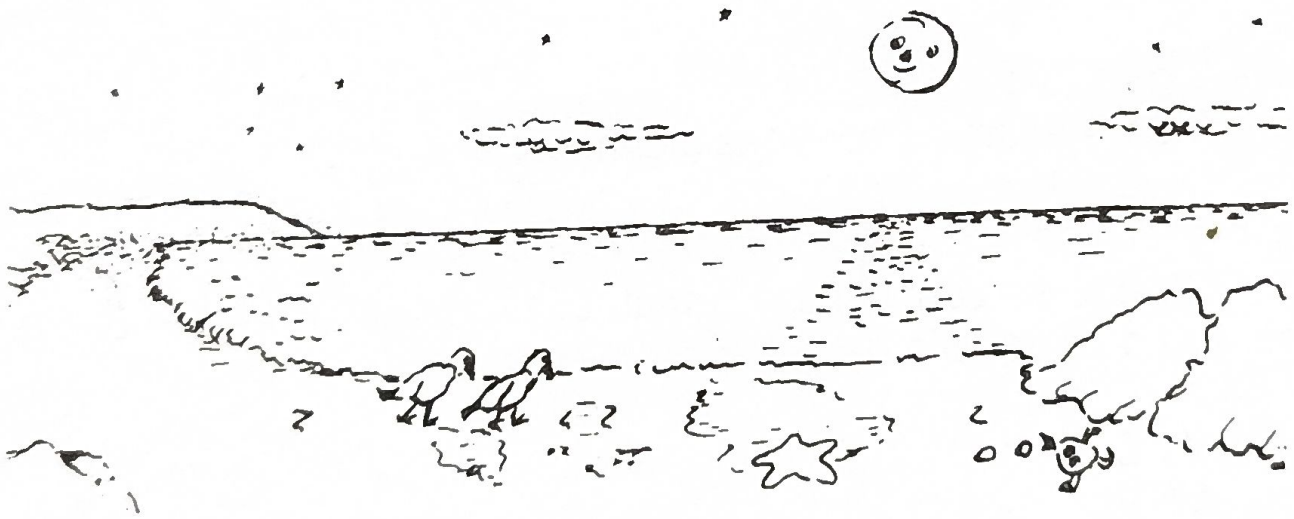
—Não... o quê?

—Você está caminhando, você pode caminhar...

—Ah, sim; claro... o que tem isso de extraordinário?

—Existem pessoas que ficaram paralíticas, e depois de meses ou anos de exercícios conseguiram voltar a caminhar; para elas sim, é extraordinário poder caminhar, agradecem e desfrutam isso; no entanto, você caminha sem perceber, sem encontrar nada de especial nisso...

—Tem razão, Ami. Você me diz muitas coisas novas...



Capítulo 4

A polícia!

Chegamos até a primeira rua iluminada pelos postes de luz. Deviam ser onze da noite. Parecia uma aventura andar sem minha vovó, tão tarde pelo povoado, mas eu me sentia protegido ao lado de Ami.

Enquanto caminhávamos, ele se detinha para olhar a lua entre as folhas dos eucaliptos, às vezes me dizia que ficássemos a ouvir o coaxar das rãs, o canto dos grilos noturnos, o longínquo ruído das ondas. Detinha-se a respirar o aroma dos pinheiros, do córtex das árvores, da terra, a observar uma casa que ele achava bonita, uma rua ou um cantinho em uma esquina.

—Veja que lindos esses candeeiros... parecem um quadro... observe como cai a luz sobre essa trepadeira... e essas anteninhas recortadas contra as estrelas... A vida não tem outro propósito que o de se desfrutá-la de uma maneira sã, Pedrinho.

Procure colocar sua atenção em tudo o que a vida lhe proporciona... A maravilha está em cada instante... Tente sentir, perceber, em lugar de pensar. O sentido profundo da vida está além do pensamento... Sabe, Pedrinho, a vida é um conto de fadas feito realidade... é um dom maravilhoso que Deus lhe brinda... porque Deus o ama...

Suas palavras me faziam ver as coisas de um novo ponto de vista. Parecia-me incrível que esse mundo fosse o habitual, o de todos os dias, ao qual eu jamais prestava atenção... agora percebia que vivia no Paraíso, sem nunca ter percebido antes...

Caminhando chegamos até a praça do balneário. Alguns jovens estavam na porta de uma discoteca, outros conversavam no centro da praça. O lugar estava tranqüilo, especialmente agora que a temporada estava no fim.

Ninguém prestava atenção em nós, apesar da roupa de Ami; talvez pensassem que era uma simples fantasia...

Imaginei o que aconteceria se soubessem que espécie de menino estava passeando por aquela praça; eles nos rodeariam, viriam os jornalistas e a televisão...

—Não, obrigado —disse Ami, lendo meu pensamento— não quero que me crucifiquem...

Não compreendi o que ele quis dizer.

—Em primeiro lugar, não acreditariam; mas se por fim o fizessem, me levariam preso por ter ingressado "ilegalmente" no país. Depois pensariam que eu sou um espião e me torturariam para obter informação... E aí, os médicos iam querer ver o meu corpinho por dentro... —Ami ria enquanto relatava possibilidades tão negras.

Sentamo-nos num banco, num lugar um pouco afastado. Pensei que os extraterrestres deveriam ir se mostrando aos poucos, para que as pessoas fossem se acostumando a eles, para depois, um dia, apresentar-se abertamente.

—É mais ou menos o que estamos fazendo, mas mostrar-nos abertamente... já lhe dei três razões pelas quais é inútil fazer isso. Agora vou lhe dar mais uma, a principal: está proibido pelas leis.

—Por quais leis?

—As leis universais. Em seu mundo existem leis, não é? Nos mundos civilizados também existem normas gerais que todos devem respeitar; uma delas é não interferir no desenvolvimento evolutivo dos mundos incivilizados.

—Incivilizados?

—Chamamos incivilizados aos mundos que não respeitam os três requisitos básicos...

—Quais são?

—Os três requisitos básicos que um mundo deve respeitar para ser considerado civilizado são: primeiro, conhecer a Lei fundamental do universo; uma vez que se conhece e se pratica esta Lei, é muito fácil cumprir os outros dois. Segundo, constituir uma unidade: devem ter um só Governo Mundial. Terceiro, devem organizar-se de acordo com a Lei fundamental do universo.

—Não entendo muito. Qual é essa lei do fundamento... de quê?

—Você vê? Você não a conhece —caçoava de mim—, você não é civilizado.

Mas eu sou uma criança... Acho que os adultos sim a conhecem, os cientístas, os presidentes...

Ami riu com vontade.

—Adultos... cientístas... presidentes! Esses menos que ninguém, salvo raras exceções.

—Qual é essa lei?

—Vou lhe dizer mais adiante.

—De verdade? —fiquei entusiasmado ao pensar que ia conhecer algo que quase ninguém sabia.

—Se você se comportar direitinho —brincou.

Comecei a meditar essa proibição de interferir nos planetas incivilizados.

—Então você está violando essa lei! —expressei com surpresa.

—Bravo! você não passou por alto esse detalhe.

—Claro que não. Primeiro você diz que é proibido interferir; apesar disso você está falando comigo...

—Isto não é interferência no desenvolvimento evolutivo da Terra. Mostrar-se abertamente, comunicar-se massivamente sim, seria. Isto é parte de um "plano de ajuda".

—Explique melhor, por favor.

—É um tema complicado. Não posso lhe explicar tudo, porque você não entenderia. Talvez o faça mais adiante; por enquanto só vou lhe dizer que o "plano de ajuda" é uma espécie de "remédio", que devemos ir dando em forma dosificada, suave, sutilmente... bem sutilmente...

—Qual é esse remédio?

—Informação.

—Informação? Que informação?

—Bem, depois da bomba atômica começaram os avistamentos de nossas naves. Fizemos isso para que vocês começassem a ter evidências de que não são os únicos seres inteligentes do universo; isso é informação. Depois fomos aumentando a freqüência desses avistamentos, isso é mais informação. Depois vamos deixar que nos filmem. Ao mesmo tempo, estabelecemos pequenos contatos com algumas pessoas, como você, e também enviamos "mensagens" em freqüências mentais. Essas "mensagens" estão no ar, como as ondas de rádio, chegam a todas as pessoas; algumas têm os "receptores" adequados para captá-las, outras não. Os que as recebem podem pensar que são suas próprias idéias; outros, que é uma inspiração divina; e ainda outros, que são enviadas por nós. Alguns

expressam essas "mensagens" bastante distorcidas por suas próprias idéias ou crenças; mas existem aqueles que as expressam quase puras.

—E depois, vão aparecer na frente de todo mundo?

—Se vocês não se autodestruírem, e sempre que sejam respeitados os três requisitos básicos. Não pode ser antes.

—Acho que é egoísmo que vocês não intervenham para evitar a destruição —disse, um pouco aborrecido.

Ami sorriu e olhou para as estrelas.

—Nosso respeito pela liberdade alheia implica deixá-los alcançar o destino que merecem. A evolução é uma coisa muito delicada, não se pode interferir, só podemos "sugerir" coisas, muito sutilmente, e através de pessoas "especiais", como você...

—Como eu? Que tenho eu de especial?

—Talvez eu lhe diga mais adiante, por enquanto você só precisa saber que tem certa "condição", e não necessariamente "qualidade"... Devo ir-me rápido, Pedrinho. Você gostaria de me ver de novo?

—Claro que sim, cheguei a estimá-lo neste curto tempo.

—Eu também a você, mas se você quer que eu volte, vai ter que escrever um livro relatando o que viveu ao meu lado; para isso foi que eu vim, é parte do "plano de ajuda".

—Que eu escreva um livro? Mas eu não sei escrever livros!

Faça como se fosse um conto infantil, uma fantasia... se não, vão pensar que você é um mentiroso ou louco; além disso, escreva para as crianças. Peça ajuda a esse primo seu, que gosta de escrever. Você relata e ele escreve.

Ami parecia saber mais de mim, do que eu mesmo...

—Esse livro vai ser informação também. Mais do que fazemos, não nos é permitido. Você gostaria que não existisse a menor possibilidade de que uma civilização de malvados venha invadir a Terra?

—Sim.

—Está vendo? Mas se vocês não deixam de lado a sua maldade e nós os ajudamos a sobreviver, rapidamente estariam tentando dominar, explorar e conquistar outras civilizações do espaço... mas o universo civilizado é um lugar de paz e de amor, de confraternização. Além disso, existem outras qualidades de energias muito poderosas. A energia atômica ao lado delas é como um fósforo ao lado do sol... Não podemos correr o risco de que uma

espécie violenta chegue a controlar essa energia e colocar em perigo a paz dos mundos evoluídos, e, muito menos, que chegue a produzir um descalabro cósmico.

—Estou realmente nervoso, Ami.

—Pelo perigo de um descalabro cósmico?

—Não. Porque penso que já é muito tarde...

—Tarde para salvar a humanidade, Pedrinho?

—Não. Para me deitar.

Ami se dobrava de tanto rir.

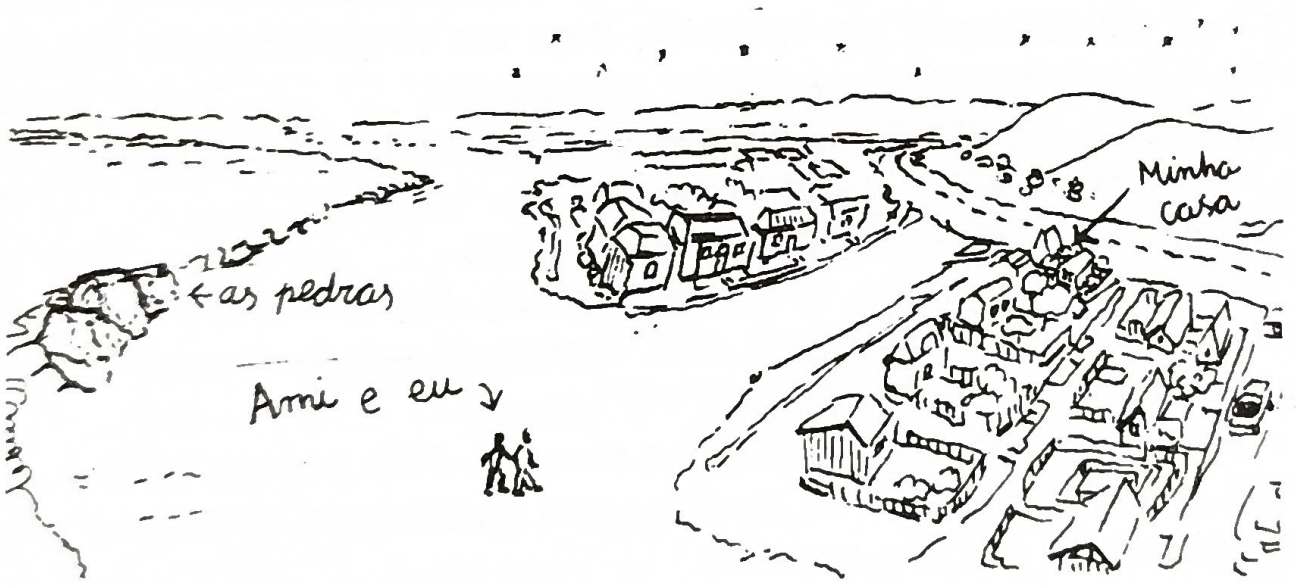
—Calma, Pedrinho. Vamos ver a sua vovó.

Pegou a pequena televisão da fivela do seu cinto. Apareceu minha vovó dormindo com a boca entreaberta.

—Desfruta realmente o sono —brincou.

—Estou cansado. Gostaria de dormir, eu também.

—Bem, vamos.



Caminhávamos para minha casa quando encontramos um veículo policial. Os agentes, vendo dois meninos sozinhos a essas horas da noite, pararam o automóvel, desceram e vieram até nós. Fiquei com medo.

—Que vocês estão fazendo a estas horas por aqui?

—Caminhando, desfrutando a vida —respondeu Ami muito tranqüilo— E vocês? Trabalhando? Caçando malandros? —E riu como sempre. Assustei-me ainda mais do que já estava, quando vi a liberdade que Ami estava tomando com a polícia; apesar disso eles também acharam engraçada a atitude de meu amigo, riram com ele. Tentei rir também, mas por causa do meu nervosismo não consegui.

—De onde você tirou essa roupa?

—De meu planeta —respondeu com total ousadia.

—Ah, você é um marciano.

—Marciano, exatamente, não; mas sou extraterrestre.

Ami respondia com alegria e despreocupação, em troca eu estava cada vez mais nervoso.

—Onde está o seu "ovni"? —Perguntou um deles observando Ami, com ar paternal. Pensava que era uma brincadeira de crianças; apesar disso, ele só dizia toda a verdade.

—Ele está estacionado na praia, debaixo do mar. Não é verdade, Pedrinho?

Eu não sabia o que fazer. Tentei sorrir e só consegui fazer uma careta bastante idiota, não me atrevi a dizer a verdade.

—E você não tem uma pistola de raios? —Os guardas se divertiam com o diálogo. Ami também, mas eu estava cada vez mais confuso e preocupado.

—Não preciso. Nós não atacamos ninguém. Somos bons.

—E se aparecer um malvado com um revólver como este? —ele mostrou a arma fingindo ser ameaçador.

—Se vai me atacar, eu o paraliso com a minha força mental.

—Deixe eu ver. Paralise-nos!

—Ótimo. O efeito vai durar dez minutos.

Os três riam muito divertidos mesmo. De repente, Ami ficou quieto, sério e olhou fixo para eles. Com uma voz muito estranha e autoritária lhes ordenou:

—Fiquem imóveis durante dez minutos. Não podem, NÃO PODEM MOVER-SE... já —E eles ficaram paralisados com um sorriso, na posição em que estavam.

—Você vê, Pedrinho? Assim você tem que dizer a verdade, como se fosse uma brincadeira ou uma fantasia —explicou-me, enquanto tocava o nariz ou puxava suavemente os bigodes dos guardas petrificados com um sorriso, que começava a me parecer trágico, por causa das circunstâncias. Tudo aumentava meu medo.

—Vamos fugir daqui, bem longe, eles podem acordar —expressei, tentando não falar muito alto.

—Não precisa se preocupar, ainda tem tempo para que se completem os dez minutos —e começou a mexer-em seus bonés. Eu só queria era estar bem longe dali.

—Vamos, vamos!

—Já está pre-ocupado de novo, em vez de desfrutar o momento... está bem, vamos —disse resignado. Aproximou-se aos sorridentes guardas e com a mesma voz anterior lhes ordenou:

—Quando acordarem, terão esquecido para sempre esses dois meninos.

Quando chegamos à primeira esquina dobramos para o lado da praia e nos afastamos do lugar. Senti-me mais tranqüilo.

—Como você fez isso?

—Hipnose, qualquer um pode.

—Eu acho que não se pode hipnotizar qualquer pessoa. Eles podiam ter sido uma dessas.

—Todas as pessoas podem ser hipnotizadas —disse Ami— além disso, todas estão hipnotizadas.

—O que você quer dizer?... Eu não estou hipnotizado... estou acordado.

Ami riu muito da minha afirmação.

—Você se lembra quando vínhamos pelo caminho?

—Sim, lembro-me.

—Ali tudo lhe pareceu diferente, tudo lhe pareceu lindo, não é verdade...?

—Ah, sim... parece que lá era como se eu estivesse hipnotizado... Talvez você tenha me hipnotizado!

—Estava acordado! Agora está adormecido, pensando que a vida não tem nenhuma maravilha, que tudo é perigoso. Você está hipnotizado, não escuta o mar, não percebe os aromas da noite, não toma consciência de seu caminhar nem de sua vista, não desfruta sua respiração. Você está hipnotizado com hipnose negativa, está como essas pessoas que pensam que a guerra tem algum sentido "glorioso", como os que supõem que quem não compartilha sua própria hipnose é seu inimigo, todos estão hipnotizados, adormecidos. Cada vez que alguém começa a sentir que a vida ou um momento são lindos, então este alguém está começando a acordar. Uma pessoa desperta sabe que a vida é um paraíso maravilhoso e o desfruta instante a instante... mas não vamos pedir tanto a um mundo incivilizado... Imagine que tem pessoas que se suicidam... já pensou que loucura? Suicidam-se!

—Pensando assim, como você diz, tem razão... Como foi que esses guardas não se zangaram com as suas brincadeiras?

—Porque eu toquei o seu lado bom, infantil.

—Mas eles são policiais!

—Olhou-me, como se eu acabasse de dizer uma estupidez.

—Veja, Pedrinho, todas as pessoas têm um lado bom, um lado infantil. Quase ninguém é completamente mau. Se você quiser, vamos a uma prisão e procuramos o pior criminoso.

—Não, obrigado.

—Em geral, as pessoas são mais bondosas do que malvadas, inclusive neste planeta. Todos pensam que estão fazendo um bem com o que fazem. Alguns se enganam, mas não é maldade, é erro. É certo que quando estão adormecidos ficam sérios e até perigosos, mas se você os toca pelo lado bom, eles vão lhe devolver o que há de bom neles; se você cs toca pelo lado negativo, eles vão lhe devolver o que há de negativo neles; apesar disso, todo mundo gosta de brincar de vez em quando.

—Então por que neste mundo existe mais infelicidade do que felicidade?

Não é que as pessoas sejam malvadas, são os sistemas que utilizam para se organizar que são velhos. As pessoas evoluíram, os sistemas ficaram atrasados. Sistemas ruins fazem as pessoas sofrer, vão fazendo as pessoas ficar infelizes, e no final as levam a cometer erros. Mas um bom sistema de organização mundial é capaz de transformar os maus em bons.

Não compreendi muito bem suas explicações.

Capítulo 5

Raptado pelos extraterrestres!

—Já chegamos na sua casa. Já vai dormir?

—Sim. Estou realmente cansado, não agüento mais. E você, que vai fazer?

—Voltar para a nave. Vou dar uma volta pelas estrelas... Queria convidá-lo, mas se você está tão cansado...

—Agora já não!... De verdade?... Você me levaria a dar uma volta no seu "ovni"?

—Claro, mas e sua vovó?...

Diante de uma possibilidade tão extraordinária como a de passear num "disco voador" foi embora todo o meu cansaço, estava como novo e cheio de vitalidade; pensei imediatamente na forma de sair sem que sentissem a minha ausência.

—Vou jantar, deixo o prato vazio em cima da mesa, depois coloco o meu travesseiro debaixo da roupa de cama, porque se minha avó se levantar vai pensar que eu estou dormindo em casa, deixo esta roupa por aí e visto outra. Farei isso com muito cuidado e em silêncio.

—Perfeito, vamos estar de volta antes que ela acorde. Não se preocupe com nada.

Fiz tudo de acordo ao calculado, mas quando quis comer a carne tive nojo e não pude comer. Alguns minutos mais tarde caminhávamos para a praia.

—Como vou subir na sua nave?

—Vou entrar nadando, pela água, depois levo o veículo até a praia.

—Não vai lhe dar frio entrar no mar?

—Não. Esta roupa resiste muito mais ao frio e calor do que você imagina... Bem, vou pegar a nave. Espere-me aqui e quando eu aparecer não se assuste.

—Oh, não; já não tenho mais medo dos extraterrestres —achei graça de sua recomendação desnecessária...

Ami se dirigiu até as suaves ondas, entrou no mar e começou a nadar. Logo se perdeu de vista, na escuridão, pois a lua tinha desaparecido detrás de umas nuvens bem tenebrosas...

Pela primeira vez, desde que Ami apareceu, tive tempo de pensar a sós... Ami?... um extraterrestre!... Era verdade ou tinha sido um sonho?

Esperei um bom tempo e comecei a me sentir nervoso. Não me senti muito seguro... estava sozinho, numa praia escura e terrivelmente solitária...

Ia enfrentar-me com uma nave extraterrestre... minha imaginação me fazia ver estranhas sombras se mexendo entre as pedras, na areia, surgindo das águas. E se Ami fosse um malvado disfarçado de menino, falando de bondade para conseguir minha confiança... ... ... Não, não pode ser! ... ... Raptado por uma nave extraterrestre?...

Neste momento apareceu diante dos meus olhos um espetáculo apavorante: debaixo da água um resplendor amarelo esverdeado começava a subir lentamente, depois apareceu uma cúpula que girava, com muitas luzes coloridas... Era verdade! Eu estava contemplando uma nave de outro mundo! Depois apareceu o corpo do veículo espacial, ovalado, com janelas iluminadas. Emitia uma luz entre prateada e verde. Foi uma visão que eu não esperava, senti verdadeiro terror. Uma coisa era falar com um menino... menino?... com cara de bonzinho... máscara?... e outra coisa era estar aí, quieto, sozinho, numa praia, na escuridão da noite e ver aparecer uma nave de outro mundo... um "ovni" que vem nos pegar para nos levar para longe... Esqueci do "menino" e de tudo o que ele me tinha dito. Para mim aquilo se transformou numa máquina infernal, vinda quem sabe de que sombrio mundo do espaço, cheia de seres monstruosos e cruéis que vinham me raptar. Pareceu-me que era de um tamanho muito maior do que o objeto que eu tinha visto cair no mar umas horas antes.

Começou a aproximar-se de mim, flutuando a uns três metros por cima das águas. Não emitia nenhum som, o silêncio era horrível e se aproximava, se aproximava irremediavelmente. Quis fugir. Desejei não ter conhecido nunca nenhum extraterrestre, queria fazer o tempo voltar para trás, estar dormindo tranqüilamente perto de minha avó, a salvo, na minha caminha, ser um menino normal e

com uma vida normal. Isso era um pesadelo; não conseguia sair correndo, não podia deixar de olhar para esse monstro luminoso que vinha me levar... quem sabe a um zoológico espacial...

Quando chegou em cima da minha cabeça, eu me senti perdido. Apareceu uma luz amarela no ventre da nave, depois um reflexo me ofuscou e aí eu soube que já estava morto. Encomendei minha alma a Deus e decidi abandonar-me a sua Suprema Vontade...

Senti que me elevavam, que eu ia numa espécie de elevador, mas meus pés não estavam apoiados em nada. Esperei ver aparecer aqueles seres com cabeça de polvo e olhos sanguinários e sangrentos...

De repente, meus pés pousaram sobre uma superfície acolchoada e me vi de pé num recinto luminoso e agradável, carpetado e com paredes atapetadas. Ami estava na minha frente, sorrindo com seus grandes olhos de menino bom. Seu olhar conseguiu me acalmar, fazendo-me voltar à realidade, essa maravilhosa realidade que ele tinha me ensinado a conhecer. Colocou a mão no meu ombro.

—Calma, calma; não tem nada de mal.

Quando consegui falar, sorri e lhe disse:

—Deu-me muito medo.

—É sua imaginação desenfreada. A imaginação sem controle pode matar de terror, é capaz de inventar um demônio onde só existe um bom amigo, mas são somente nossos monstros internos, porque a realidade é simples e maravilhosa, é fácil...

—Então... estou num "ovni"?

—Bem, "ovni" é um objeto voador não identificado. Isto está plenamente identificado: é uma nave espacial; mas podemos lhe chamar "ovni" se você quiser, e também pode me chamar "marciano".

—Relaxei completamente a tensão quando rimos.

—Venha, vamos para a sala de comandos —convidou-me.

Por uma porta muito pequena e em forma de arco passamos a outro recinto, de teto tão baixo como o do que acabávamos de abandonar. Diante de mim apareceu uma sala semicircular rodeada de janelas ovais. No centro havia três poltronas reclináveis na frente dos controles, e várias telas quase apoiadas no chão. Aquilo era como se fosse para crianças! Tanto as poltronas como a altura

da sala. Ali não caberia um adulto de nenhuma maneira... Eu podia tocar o teto levantando o braço.

—Isto é fabuloso! exclamei entusiasmado. Aproximei-me das janelas enquanto Ami se acomodava na poltrona central, na frente dos controles. Detrás dos vidros pude ver a distância o reflexo das luzes do balneário. Senti uma suave vibração no chão e o povoado desapareceu. Agora só via estrelas...

—Ei, o que você fez com o balneário?

—Olhe para baixo —respondeu Ami.

—Quase desmaiei: estávamos a milhares de metros de altitude sobre a baía. Podíamos ver todos os povoados da costa que havia nessa região; o meu estava lá embaixo, bem embaixo. Tínhamos nos elevado quilômetros num instante e eu não tive nenhuma sensação de movimento!

—Super, super, ótimo! —Meu entusiasmo crescia, mas logo a altura me deu vertigem.

—Ami...

—Diga.

—... Isso não cai?

—Bem, se a bordo houvesse uma pessoa que tivesse dito mentiras, então os mecanismos poderiam falhar...

—Desça, então, desça!

Por suas gargalhadas soube que ele estava brincando.

—Podem nos ver lá de baixo?

—Quando esta luz se acende —disse apontando um sinal ovalado nos comandos— quer dizer que somos visíveis. Quando está apagada, como agora, somos invisíveis.

—Invisíveis?

—Do mesmo jeito que este senhor que está sentado do meu lado —mostrou a poltrona vazia a seu lado. Alarmei-me, mas suas risadas me fizeram compreender que era outra de suas brincadeiras.

—Como você faz para não sermos vistos?

—Se uma roda de bicicleta está girando rápido, seus raios não são vistos. Nós fazemos que as moléculas desta nave se movimentem rápido...

—Engenhoso, mas eu gostaria que nos vissem lá de baixo.

—Não posso fazer isso. A visibilidade ou invisibilidade de nossas naves, quando estão em mundos incivilizados, efetua-se de acordo ao "plano de ajuda". Isso é decidido por um "computador" gigante situado no centro desta galáxia...

—Não entendo direito.

—Esta nave esta conectada a este "super-computador" que decide quando podemos ou quando não podemos ser vistos.

—E como é que esse "computador" sabe quando...?

—Esse "computador" sabe tudo... Você quer que a gente vá até algum lugar em especial?

—Até a capital! Gostaria de ver minha casa daqui do ar...

—Vamos! —Ami mexeu uns controles e disse, "já". Preparei-me para desfrutar a viagem olhando pela janela... mas já tínhamos chegado!... Cem quilômetros em uma fração de segundo!

Eu estava maravilhado.

—Isto sim que é viajar rápido!

—Já lhe expliquei que em geral não "viajamos", senão que nos "situamos"... É uma questão de coordenadas, mas também podemos "viajar".

Olhei as grandes avenidas iluminadas. Era impressionante ver a cidade, de noite, de cima. Localizei meu bairro e pedi a Ami que nos dirigíssemos para lá.

—Mas "viajando" devagar, por favor. Quero desfrutar o passeio.

A luz dos comandos estava apagada. Ninguém nos via.

Fomos avançando suave e silenciosamente entre as estrelas e as luzes da cidade.

Apareceu a minha casa. Foi extraordinário vê-la das alturas.

—Quer con:provar se está tudo bem lá dentro?

—Como?

—Vamos ver por esta tela.

Na frente dele, numa espécie de televisão grande, apareceu a rua focalizada de cima; era o mesmo sistema pelo qual vimos minha avó dormir, mas com uma grande diferença: aqui a imagem aparecia em alto-relevo, com profundidade. Parecia que se podia meter a mão pela tela e tocar as coisas. Tentei fazer isso, mas um vidro invisível me impediu. Ami se divertia comigo.

—Todos fazem a mesma coisa...

—Todos, quem são todos?

—Você não vai pensar que é o primeiro incivilizado que sai a passeio numa nave extraterrestre?

—Tinha pensado que era —disse, um pouco decepcionado.

—Pois se enganou.

A lente da câmara, ou o que quer que fosse, pareceu atravessar o teto da minha casa, percorrendo cada cantinho. Estava tudo em ordem.

—Por que na sua televisão portátil não se pode ver em alto-relevo, como nessa tela?

—Já lhe disse, é um sistema antigo...

Pedi que fôssemos dar uma volta pela cidade. Passamos pelo meu colégio. Vi o pátio, o campo de futebol, os arcos, minha classe. Pensei em mim mesmo contando mais tarde a aventura aos meus colegas: "Vi o colégio de uma nave espacial"... Estaria orgulhoso.

Fomos passando pela cidade toda.

—É uma pena que não seja de dia —disse.

—Por quê?

—Teria gostado de passear na sua nave também de dia... ver cidades, paisagens com a luz do sol...

—Como de costume, Ami estava rindo de mim.

—Você quer que seja de dia? —perguntou.

—Não acredito que os seus poderes sejam suficientes para mover o sol... ou são?

—O sol não, mas nós sim...

Conectou os controles e começamos a nos mover tremendamente rápido; subimos a cordilheira dos Andes e a atravessamos em uns três segundos, depois apareceram várias cidades que se viam como umas manchinhas luminosas, devido à grande altitude que tínhamos atingido; imediatamente depois apareceu o enorme oceano Atlântico, banhado pela lua. Também havia muitas nuvens enormes que limitavam minha visibilidade. O céu foi se aclarando no horizonte, viajávamos em direção ao Este. Chegamos à terra e aconteceu algo extraordinário: o sol começou a subir rapidamente! Para mim aquilo foi algo incrível. Ami tinha movido o sol! Em apenas uns momentos se fez dia.

—Por que você disse que não podia mover o sol?

Ami se deleitava observando minha ignorância.

—O sol não se moveu; fomos nós que nos movemos rapidamente.

Compreendi meu erro imediatamente, mas tinha sua justificação: é preciso ver o que é contemplar o sol se elevar pelo horizonte a uma velocidade impressionante...

—Em que lugar estamos?

—África.

—África? mas se faz só um minuto nós estávamos na América do Sul!

—Como você queria viajar de dia nessa nave, viemos para um lugar que fosse de dia: "se a montanha não vem a Mahomé, Mahomé vai à montanha"...

—Que país da África você gostaria de visitar?

—Deixa eu ver... a Índia.

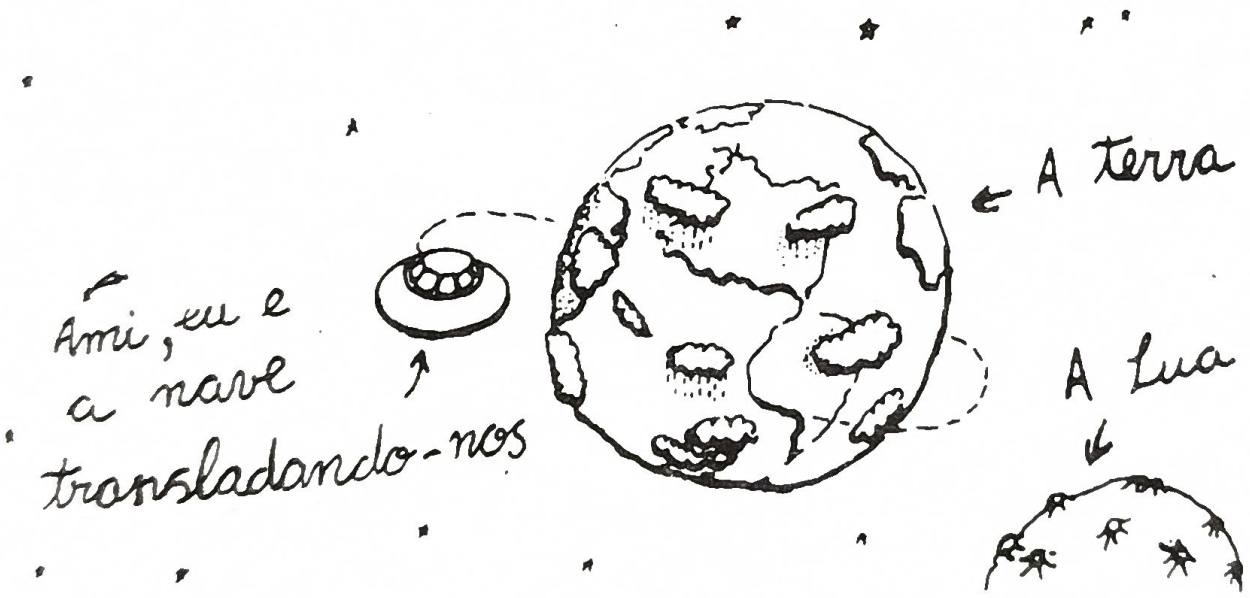
Sua risada me mostrou que meus conhecimentos de geografia não eram muito exatos...

—Então vamos à Asia, para a Índia... A qual cidade da Índia você quer ir?

—... Dá no mesmo... escolhe você...

—Bombaim está bem?

—Sim, ótimo Ami...



Passamos em grande velocidade e altitude por cima do continente africano. Mais tarde, na minha casa, com um mapa-múndi pude reconstruir aquela viagem. Chegamos ao oceano Índico, e o atravessamos enquanto o sol subia e subia vertiginosamente. De repente estávamos na Índia. A nave freou bruscamente e ficou imóvel...

—Como foi que nós não nos batemos contra as janelas com essa freada? —perguntei muito surpreendido.

—É uma questão de anular a inércia...

—Ah, que fácil...

Capítulo 6

Uma questão de medidas

Descemos sobre a cidade, até chegar a uns cem metros de altura e começamos nosso passeio pelos céus de Bombaim.

Parecia-me estar sonhando ou vendo um filme. Homens com turbantes brancos, casas muito diferentes das do meu país. Chamou minha atenção a enorme quantidade de pessoas nas ruas. Não era como na minha cidade. Lá, nem mesmo no centro, na hora de saída dos escritórios vê-se essa multidão. Aqui estavam em todos os lugares. Para mim, aquilo era outro mundo.

Ninguém nos via; a luz indicativa estava apagada.

De repente, voltei à "realidade":

—Nossa, minha vovó.

—O que é que há com a sua avó?

—Já é dia, ela já deve ter se levantado, e vai se preocupar com a minha ausência... vamos voltar!

Para Ami, eu era um permanente motivo de riso.

—Pedrinho, sua avó dorme profundamente. Lá é meia-noite neste momento, do outro lado do mundo; aqui são dez da manhã.

—De ontem ou de hoje? —perguntei, confundido com o tempo.

—De amanhã —respondeu, morto de rir—. Não se preocupe. A que horas ela se levanta?

—Mais ou menos às oito e meia.

—Então ainda temos oito horas e meia pela frente... sem contar que podemos esticaaaar o tempo...

—Estou preocupado... Por que não vamos ver?

—O que você quer ver?

—Ela pode ter acordado...

—Melhor vermos daqui mesmo.

Pegou os controles de uma tela e apareceu a costa da América do Sul vista de muita altura, depois a imagem mostrou uma queda em direção à terra a uma velocidade fantástica. Logo pude

distinguir a baía, o balneário, a casa da praia, o teto e a minha avó. Era incrível, parecia que estava ali; dormindo, com a boca entreaberta, na mesma posição anterior.

—Não se pode dizer que ela dorme mal, ein? —observou Ami com malícia, depois acrescentou— Vamos fazer algo para que você fique tranqüilo.

Pegou uma espécie de microfone e me indicou que ficasse em silêncio. Apertou um botão e disse "psiu". Minha vovó escutou aquilo; acordou, levantou-se e foi até a copa. Nós podíamos escutar os seus passos e sua respiração. Viu meu prato meio vazio sobre a mesa, pegou-o e deixou-o na cozinha, depois foi até o meu dormitório, abriu a porta, acendeu a luz e olhou para minha cama. Estava perfeita, parecia que eu dormia lá, contudo, alguma coisa lhe chamou a atenção, não soube o que era, mas Ami sim. Pegou o microfone e respirou perto dele. Minha avó escutou essa respiração e pensou que era a minha, apagou a luz, fechou a porta e foi para o seu dormitório.

—Está tranqüilo agora?

—Sim, agora sim... mas não dá para acreditar; ela dormindo lá e nós aqui de dia...

—Vocês vivem condicionados demais pelas distâncias e pelo tempo...

—Não compreendo.

—O que você pensaria de sair de viagem hoje e voltar ontem?

—Você quer me deixar maluco. Não poderíamos visitar a China?

—Claro, que cidade você gostaria conhecer?

Desta vez não ia passar vergonha. Respondi com segurança e orgulho:

—Tóquio.

—Então vamos conhecer Tóquio... a capital do *Japão* —disse tentando dissimular a vontade de rir.

Passamos por todo o território da Índia, de Oeste a Leste. Chegamos aos Himalaias, ali a nave parou.

—Temos ordens —disse Ami. Numa tela apareceram estranhos sinais— Vamos deixar um testemunho. O "computador" gigante indica que devemos ser vistos por alguém em algum lugar.

—Que divertido! Onde e por quem?

—Não sei. Vamos ser guiados pelo "computador". Já chega-

mos...

Havíamos utilizado o sistema de translado instantâneo. Estávamos sobre um bosque, suspensos no ar a uns cinqüenta metros de altura. A luz dos controles mostrava que éramos visíveis. Havia muita neve por ali.

—Isto é o Alaska —disse Ami reconhecendo o lugar. O sol começava a se ocultar no mar próximo dali.

A nave começou a se mover no céu, desenhando um enorme triângulo com sua trajetória, enquanto mudava suas cores.

—Para que fazemos isto?

—Para impressionar. Devemos chamar a atenção desse amigo que vem ali.

Ami observava pela tela, e eu o procurei através dos vidros das janelas e o encontrei. Ao longe, entre as árvores, havia um homem com um casaco de pele de cor marrom; tinha uma espingarda, parecia muito assustado. Apontou-nos sua arma. Agachei-me, com medo, para evitar ser atingido pelo possível disparo. Ami se divertia com minhas inquietudes.

—Não tenha medo, este "ovni" é à prova de balas... e de muito mais...

Elevamo-nos até ficarmos bem alto, sempre emitindo uma cintilação colorida.

—É preciso que este homem não esqueça jamais esta visão.

Eu pensei que, para que ele nunca mais esquecesse o espetáculo, era suficiente ter passado pelo ar, sem necessidade de o assustar tanto. Disse isto a Ami.

—Você se engana. Milhares de pessoas já viram passar nossas naves, mas hoje em dia não se lembram. Se no momento em que nos viram estavam muito pre-ocupadas com seus assuntos corriqueiros, olhavam-nos quase sem nos ver, depois, esqueceram. Temos estatísticas impressionantes a esse respeito.

—Por que é preciso que esse homem nos veja?

—Não sei exatamente, talvez seu testemunho seja importante para alguma outra pessoa interessante, especial; ou talvez, ele mesmo o seja. Vou focalizá-lo com o "sensômetro".

Em outra das telas apareceu o homem, mas estava quase transparente. No centro de seu peito brilhava uma luz dourada muito linda.

—Que luz é essa?

—Podemos dizer que é a quantidade de amor que existe nele, mas não seria tão exato; é mais certo dizer que é o efeito que a força do amor exerce sobre a sua alma. E também seu nível de evolução. Ele tem setecentas e cinqüenta medidas.

—E isso o que significa?

—Que ele é interessante.

—Interessante por quê?

—Porque seu nível de evolução é realmente bom... para ser um terrícola.

—Nível de evolução?

—Seu grau de aproximação com o animal ou com o "anjo". Ami focalizou um urso na tela, também transparente, mas a luz do seu peito brilhava muito menos do que a do homem.

—Duzentas medidas —precisou Ami. Depois focalizou um peixe. Desta vez a luz era mínima.

—Cinqüenta medidas. A média nos seres humanos da Terra é de quinhentas e cinqüenta medidas.

—E você, quantas medidas tem, Ami?

—Setecentas e sessenta medidas —respondeu.

—Só dez a mais do que o caçador! —surpreendi-me pela pouca diferença entre um terrícola e ele.

—Claro. Temos um nível parecido.

—Mas se supõe que você deva ser muito mais evoluído do que os terrícolas.

—Na Terra as pessoas variam entre trezentas e vinte e oitocentas medidas.

—Algumas mais do que você!

—Claro que sim. A vantagem que eu tenho consiste no fato de que eu conheço certas coisas que eles ignoram, mas aqui existem pessoas muito valiosas: mestres, artistas, enfermeiras, bombeiros...

—Bombeiros!?

—Você não acha nobre arriscar a própria vida pelos demais?

—Você tem razão, mas meu tio, o que é físico nuclear, também deve ser muito valioso...

—Famoso talvez... A que se dedica o seu tio, dentro da física?

—Está desenvolvendo uma nova arma, um raio ultra-sônico.

—Se ele não acredita em Deus, e além disso se dedica à fabricação de armas... penso que tem um nível bem baixo.

—O quê?! Mas ele é um sábio! Protestei.

—Você está confundindo as coisas de novo. Seu tio tem muita informação, mas ter informação não significa necessariamente ser inteligente, e muito menos um sábio. Um computador pode ter armazenado muita informação, mas nem por isso é inteligente. Você acha muito sábio um homem que cava uma fossa, ignorando que ele mesmo vai cair nela?

—Não, mas...

—As armas se voltam contra aqueles que as apóiam...

Não me pareceu muito evidente essa afirmação de Ami, mas decidi acreditar nele. Quem era eu para duvidar de sua palavra? Apesar disso, estava confuso... meu tio era meu herói... um homem tão inteligente...

—Tem um bom computador na cabeça, isto é tudo. Aqui existe um problema de terminologia: na Terra dizem inteligentes ou sábios aos que têm uma boa capacidade cerebral em só um dos cérebros, mas temos dois...

—O quê!

—Um na cabeça. Esse é o "computador", o único que vocês conhecem. O outro está no peito, não é visível, mas existe. É o mais importante, é essa luz que você viu pela tela no peito do homem. Para nós, inteligente ou sábio é aquele que tem ambos os cérebros em harmonia, mas isso quer dizer que o cérebro da cabeça, está a serviço do cérebro do peito, e não ao contrário, como na maioria dos "inteligentes".

—Tudo isso me surpreende, mas agora entendo melhor. O que acontece com aqueles que têm mais desenvolvido o cérebro do peito do que o da cabeça? —perguntei.

Esses são os "tolos bons". São fáceis de enganar, é simples para os outros, os "inteligentes maus", como você dizia, colocá-los a fazer o mal enquanto pensam que estão fazendo o bem.. o desenvolvimento intelectual deve estar em harmonia com o desenvolvimento emocional, só assim se produz um verdadeiro inteligente ou sábio. Só assim a luz pode crescer.

—E eu, Ami, quantas medidas tenho?

—Não posso lhe dizer.

—Por quê?

—Porque se teu nível for alto, você vai ficar vaidoso...

—AH!! compreendo...

—Mas se for baixo... você vai se sentir muuuuito mal...

—Ah...

—O orgulho apaga a luz... é a semente da maldade.

—Não entendo.

—Devemos tentar ser humildes... Veja, já estamos indo.

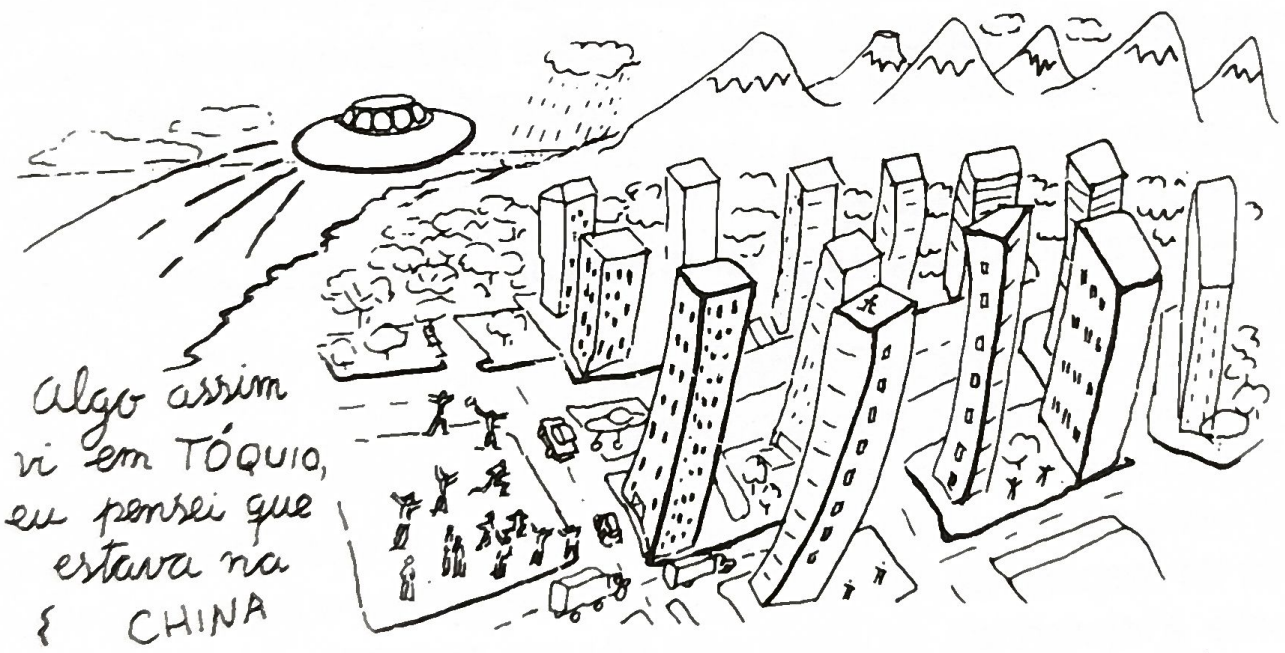
—Instantaneamente estávamos de volta à cordilheira, aos Himalaias, situados do outro lado do planeta.

Capítulo 7

Os avistamentos

Avançamos até um mar longínquo, ao qual chegamos em segundos e o atravessamos; apareceram umas ilhas, descemos sobre a cidade de Tóquio. Pensei que ia encontrar casas com telhados com as pontas para cima, mas o que mais havia era arranha-céus, modernas avenidas, parques, automóveis.

—Estamos sendo vistos —disse Ami, apontando a luz dos controles acesa.



Na rua, as pessoas começavam a amontoar-se, apontavam-nos com a mão. Novamente se acenderam as luzes exteriores de variadas cores. Estávamos realmente alto, ficamos uns dois minutos ali.

—Outro avistamento —disse Ami, observando os sinais que apareciam na tela— Vamos ser transladados.

Subitamente, a luz do dia se apagou. Só ficaram as estrelas cintilando detrás dos vidros.

Embaixo não se viam grandes coisas. Uma pequena cidade, longe, algumas poucas luzes, um caminho pelo qual vinha um automóvel. Fui até a tela que estava na frente de Ami. Ali aparecia o panorama perfeitamente iluminado. O que à simples vista não se

distinguia, devido à escuridão, no monitor era perfeitamente claro; assim percebi que o automóvel era verde e que nele viajava um casal.

Estávamos a uns vinte metros de altura, éramos visíveis, segundo indicavam os controles.

Decidi daí em diante aproveitar essa tela. Era mais nítida do que a própria realidade.

Quando o veículo se aproximou de nós, parou, estacionou ao lado do caminho e seus ocupantes desceram, começaram a gesticular e a gritar enquanto nos olhavam com os olhos arregalados.

—O que estão dizendo? —perguntei.

—Estão pedindo comunicação, contato. São um casal de estudiosos dos "ovnis", ou melhor, "adoradores de extraterrestres".

—Então, comunique-se —disse eu, preocupado pelo nervosismo dessas pessoas. Ajoelharam e rezavam, ou algo assim.

—Não posso, tenho que obedecer às ordens estritas do "plano de ajuda". A comunicação não se produz quando qualquer um deseja, senão quando se decide do "alto"; além disso, também não posso ser cúmplice de uma idolatria.

—O que é idolatria?

—Uma violação a uma lei universal —respondeu Ami, muito sério.

—Em que consiste? —perguntei, intrigado.

—Somos considerados deuses.

—O que isso tem de mal?

—Só se deve venerar a Deus, o resto é idolatria. Seria muita falta de respeito de nossa parte se usurpássemos o lugar de Deus, frente à distorcida religiosidade dessas pessoas. Se fôssemos considerados como irmãos, seria outra coisa.

Pensei que Ami pudesse ensinar a verdade ao casal.

—Pedrinho —respondeu a meus pensamentos—, nos mundos incivilizados do universo se cometem ações que nos parecem terríveis. Neste preciso momento, estão queimando vivas muitas pessoas, porque outros pensam que elas são "hereges"; isso está acontecendo em muitos planetas, como aconteceu aqui na Terra, há centenas de anos. Neste mesmo momento, debaixo do mar, os peixes estão comendo-se vivos uns aos outros. Este planeta não é muito evoluído. Assim como as pessoas têm diferentes níveis evolutivos, também os planetas. As leis que regem a vida nos mundos

inferiores nos parecem brutais. A Terra, há milhões de anos, estava regida por outros tipos de leis, tudo era agressivo, venenoso, tudo tinha garras e presas; hoje, que se atingiu um nível de evolução mais avançado, existe mais amor, mas ainda não se pode dizer que este seja um mundo evoluído. Ainda existe muita brutalidade.

Ami sintonizou uma tela e apareceram algumas cenas de guerra. De uns tanques, os soldados lançavam mísseis contra alguns edifícios, destruindo-os, junto com as crianças, mulheres e homens que os habitavam.

Isto está acontecendo agora mesmo num país da Terra, mas não podemos fazer nada. Na evolução de cada planeta, país ou pessoas, não podemos interferir. No fundo, tudo é aprendizagem. Fui uma fera e morri destroçado por outras feras; fui um ser humano de baixo nível, matei e me mataram, fui cruel, recebi crueldade. Morri muitas vezes; fui aprendendo aos poucos a viver de acordo à Lei fundamental do universo. Agora minha vida é melhor, mas não posso ir contra o sistema de evolução que Deus criou. Esse casal está violando uma lei universal, ao comparar-nos com alguém tão grande e majestoso como Deus. Retiram seus sentimentos de veneração e amor ao Criador e os dirigem para nós... Os soldados que vimos, também violam uma lei universal: "não matarás". Eles deverão pagar por seus erros e, assim, pouco a pouco irão aprendendo. Somente quando uma pessoa ou um mundo conseguiu atingir certo nível evolutivo, pode receber nossa ajuda, sem que seja uma violação ao sistema evolutivo geral.

Na verdade, não compreendi nem meia palavra do que Ami disse, somente mais tarde, pensando, foi que percebi tudo com mais clareza, muito depois de sua partida; foi então que pude escrever mais ou menos como ele disse.

Enquanto esperávamos que o "super-computador" nos retirasse dali, Ami sintonizou a televisão japonesa. Com o seu bom-humor habitual observava um programa de notícias. Aparecia um repórter que entrevistava, microfone na mão, as pessoas na rua. Uma senhora falava gesticulando e apontava para o céu. Não entendi nada, mas percebi que relatava seu encontro com um "ovni"... o nosso. Outras pessoas também comentavam sua versão do fenômeno.

—O que estão dizendo? perguntei.

—Que viram um "ovni"... tem cada louco... —opinou sorrindo.

Depois apareceu um senhor com óculos que fazia desenhos num quadro-negro enquanto dava explicações. Representava o sistema solar, a Terra e os demais planetas. Ficou falando muito tempo. Soube que era um cientista especialista em astronomia. Parecia que Ami entendia essa língua, porque estava muito distraído olhando o programa, talvez utilizando o "tradutor".

—O que está dizendo? —voltei a perguntar.

—Que em função de tudo o que explicou, está "cientificamente demonstrado" que não existe vida inteligente na galáxia inteira, excetuando a Terra... Também disse que as pessoas que viram o suposto "ovni" sofreram uma alucinação coletiva, e lhes recomendou uma visita ao psiquiatra...

—De verdade? —perguntei.

—De verdade —respondeu rindo.

O cientista continuava falando.

—O que ele está dizendo agora?

—Que possivelmente exista uma civilização "tão avançada" como esta, mas uma em cada duas mil galáxias, segundo os cálculos.

—E isso que significa?

—Que quando ele souber que somente nesta galáxia existem milhões de civilizações, o coitado vai ficar louco, pior do que já está...

Rimos um bom tempo. Para mim foi muito cômico, escutar um cientista dizendo que os "ovnis" não existem... e eu olhando o programa de dentro de um "ovni".

Ficamos aproximadamente uma hora naquele lugar, até que a luz da invisibilidade se apagou.

—Estamos livres.

—Então podemos continuar passeando? —perguntei.

—Claro. Aonde você gostaria de ir agora?

—Hummm... deixa eu ver ... à ilha de Páscoa!

—Lá é noite... veja —já tínhamos chegado.

—Ilha de Páscoa?

—Exatamente.

—Que rápido!

—Você acha rápido? Espere... agora olhe pela janela.

Estávamos sobre um deserto muito estranho. O céu estava muito escuro, quase negro, exceto pelo brilho azulado da lua.

—O que é isto, Arizona?

—Isto é a lua.

—A lua?

—A lua.

Olhei para o que pensei que fosse a lua.

—... Então isso...

—Isso é a Terra.

—A Terra!

—A Terra. Lá dorme a sua vovó...

Estava fascinado. Era na realidade a Terra, tinha uma cor azul claro. Pareceu-me incrível que uma coisa tão pequena pudesse conter tantas coisas grandes, montanhas, oceanos. Sem saber o porquê, apareciam imagens arquivadas na minha memória; recordei um riacho da minha infância, uma parede coberta de musgo, umas abelhas num jardim, um carro de boi numa tarde de verão... tudo isso estava lá, nesse pequeno globo azul que flutuava entre as estrelas.

De repente vi o sol, um astro longínquo, mas bem mais incandescente do que na Terra.

—Por que se vê tão pequeno?

—Porque aqui não existe uma atmosfera que atue como lente de aumento, como lupa; por isso, na Terra se vê maior do que aqui, mas se não fosse pelos vidros especiais desta nave, esse pequeno sol o queimaria, justamente porque não tem uma atmosfera que filtre certos raios que são nocivos para você.



Não gostei dessa visão da lua. Vista da Terra parecia mais linda. Era um mundo solitário, tenebroso.

—Não poderíamos ir a um lugar mais bonito?

—Habitado? —perguntou Ami.

—Claro!... Mas sem monstros...

—Para isso temos que ir bem longe.

Mexeu nos controles, a nave vibrou suavemente, as estrelas se esticaram, transformando-se em linhas luminosas; depois, pelas janelas apareceu uma neblina branca e brilhante que reverberava.

—O que está acontecendo? —perguntei um pouco assustado.

—Estamo-nos situando...

—Situando onde?

—Em um longínquo planeta. Temos que esperar uns minutos. Por enquanto, vamos escutar um pouco de música.

Ami tocou um ponto nos controles. Suaves e estranhos sons encheram o recinto. Meu amigo fechou os olhos e se dispôs a escutar com prazer.

Eram notas bem diferentes das que eu havia conhecido até então. De repente, uma vibração muito baixa e sustentada chegava a fazer vibrar a sala de comandos, depois uma nota agudíssima soou, o silêncio durava alguns segundos. Depois se escutavam notas rápidas que subiam e baixavam, outra vez a mais grave que se agudizava aos poucos, enquanto uma espécie de rugidos e alguns sininhos mantinham um rítmo variado.

Ami parecia em êxtase. Imaginei que conhecia muito bem aquela "melodia", porque com os lábios ou leves movimentos de sua mão se adiantava ao que escutaríamos logo.

Lamentei interrompê-lo, mas não gostei nada daquela "música".

Ami —chamei. Não respondeu; estava muito concentrado nessa espécie de interferência elétrica de um rádio de onda curta...

—Ami —insisti.

—Oh, desculpe!... sim?

—Desculpe-me, mas eu não gosto.

—Claro, é natural; o desfrutar essa música requer uma "iniciação" prévia... Vou procurar algo que lhe pareça mais conhecido. Tocou outro ponto dos controles. Surgiu uma melodia que me agradou imediatamente, tinha um ritmo muito alegre. O instrumento principal tinha um som parecido ao da chaminé de um trem a vapor a toda velocidade.

—Que agradável!... Que instrumento é esse que se parece a um trem?

—Meu Deus! —exclamou Ami fingindo horror—, você acaba de ofender a garganta mais privilegiada do meu planeta, confundindo sua maravilhosa voz com o barulho de um trem!

—Desculpe-me, por favor... não sabia... mas sopra mesmo bem! —disse, procurando consertar a situação.

—Blasfemo! Herege! —fingia, puxando os cabelos— dizer que a glória do meu mundo... sopra!

Terminamos explodindo em gargalhadas...

Aquela música animava a gente a dançar.

—Para isso foi feita —disse Ami— Dancemos! —levantou-se de um salto e começou a dançar batendo palmas.

—Dance, dance —animava-me— solte-se. Você quer dançar, mas aquilo que você não é, não lhe permite... aprenda a conquistar a liberdade de ser você mesmo, libere-se...

Deixei de lado a minha timidez natural e comecei a dançar com grande entusiasmo.

—Bravo! —felicitava-me.

Dançamos um bom tempo. Sentia-me alegre, foi como quando corremos e saltamos na praia. Depois a música terminou.

—Agora algo para nos relaxar —disse Ami, dirigindo-se para os controles. Apertou outro ponto e se escutou uma música clássica. Pareceu-me familiar.

—Ei, isso é terrícola.

—Claro, Bach, é fabuloso, você não gosta?

—Acho que... sim. Você também gosta?

—Obviamente, ou não o teria na nave.

—Pensava que tudo o que nós temos era "incivilizado" para os extraterrestres...

—Você está muito enganado —Tocou outro ponto dos controles.

"... imagine there's no countries
it isn't hard to do..." [1]

1 Tradução: Imagine que não existam países, não é difícil imaginar

—Mas esse é John Lennon... Os Beatles...!

Estava muito surpreso, porque começava a pensar que na Terra não existia nada de bom.

—Pedrinho, quando a música é boa, ela o é universalmente. A boa música da Terra é colecionada em várias galáxias, assim como a de qualquer mundo e de qualquer época. A mesma coisa acontece com todas as artes. Nós guardamos filmes e gravações de tudo quanto se realiza no seu planeta... A arte é uma linguagem de amor, e o amor é universal... escutemos.

"imagine all the people
living life in peace...." [1]

Ami, com os olhos fechados, parecia desfrutar cada nota.

Quando John Lennon terminou de cantar, já tínhamos chegado por fim a outro mundo habitado.

1 Tradução: Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz

Segunda Parte

Capítulo 8

Ofir!

A neblina branca se evaporou. Uma atmosfera azul-celeste, de um tom forte, parecia flutuar ao redor, em vez de estar em cima, no céu, como na Terra; senti-me submerso em um azul quase fosforescente que não dificultava a visibilidade.

Das janelas vi pradarias banhadas por um alaranjado suave. Fomos descendo pouco a pouco; parecia uma maravilhosa paisagem de outono.

—Veja o sol —recomendou Ami. Um enorme círculo avermelhado se destacava no céu, tenuemente coberto pela atmosfera desse mundo. Formavam-se vários círculos ao redor daquele sol descomunal. Era umas cinqüenta vezes maior do que o da Terra.

—Quatrocentas vezes maior —corrigiu Ami.

—Não parece que é tão grande...

—Porque está muito longe.

—Que mundo é este?

—É o planeta Ofir... Seus habitantes são originários da Terra...

—O quê! —surpreendeu-me tremendamente essa afirmação.

—Existem tantas coisas que são desconhecidas no seu planeta, Pedrinho. Houve uma vez na Terra, há milhões de anos, uma civilização semelhante à sua. O nível científico daquela humanidade tinha ultrapassado muito o seu nível de amor, e como além disso eles estavam divididos, ocorreu o que era de se esperar...

—Se autodestruíram?

—Completamente... Unicamente sobreviveram alguns indivíduos que foram advertidos do que ia suceder e fugiram para outros continentes; mas foram muito afetados pelas conseqüências daquela guerra, tiveram que recomeçar quase do princípio. Você é o resultado de tudo isso; você é descendente dos que sobreviveram.

—É incrível; eu pensava que tudo tinha começado como dizem os livros de história, do zero, das cavernas, dos trogloditas... E as pessoas de Ofir, como chegaram até este planeta?

—Nós as trouxemos. Salvamos todos aqueles que tinham setecentas medidas ou mais, as boas sementes... foram resgatadas um pouco antes que se produzisse o desastre. Salvaram-se muito poucos, a média evolutiva daquele tempo era de quatrocentas medidas, cem menos que hoje em dia. A Terra evoluiu.

—E se acontecesse um desastre na Terra, vocês resgatariam alguns?

—Todos aqueles que superem as setecentas medidas. Desta vez há muito mais pessoas com esse nível.

—E eu, Ami, tenho setecentas medidas?

Ele deu risada da minha preocupação.

—Estava esperando a pergunta, mas já lhe disse que não posso responder isso.

—Como se pode saber quem tem setecentas medidas ou mais?

—É muito fácil. Todos aqueles que trabalham desinteressadamente pelo bem do próximo, têm acima de setecentas medidas.

—Você disse que todos procuram fazer o bem...

—Quando digo "o próximo", não quero dizer somente a própria família, o clube, o próprio grupo. E quando digo "bem", estou me referindo a tudo o que não vai contra a Lei fundamental do universo...

—Outra vez essa famosa lei; você pode me explicar agora qual é essa lei?

—Ainda não. Paciência.

—E por que é tão importante?

—Porque quem não conhece essa Lei, não pode saber a diferença entre o bem e o mal. Muitos matam acreditando que estão fazendo um bem. Ignoram a Lei. Outros torturam, colocam bombas, criam armas, destroem a natureza pensando que fazem um bem. O resultado é que todos eles estão fazendo um grande mal, mas não sabem, porque desconhecem a Lei fundamental do universo... por isso, deverão pagar por suas violações à Lei.

—Nossa! Não teria imaginado nunca que fosse tão importante...

—Claro que é importante. É suficiente que as pessoas de seu planeta conheçam e pratiquem a Lei, para que seu mundo se transforme em um verdadeiro paraíso...

—Quando você vai me dizer qual é?

—Por enquanto, contemple o mundo de Ofir; tem muito para ensiná-lo, porque aqui todos praticam essa Lei.

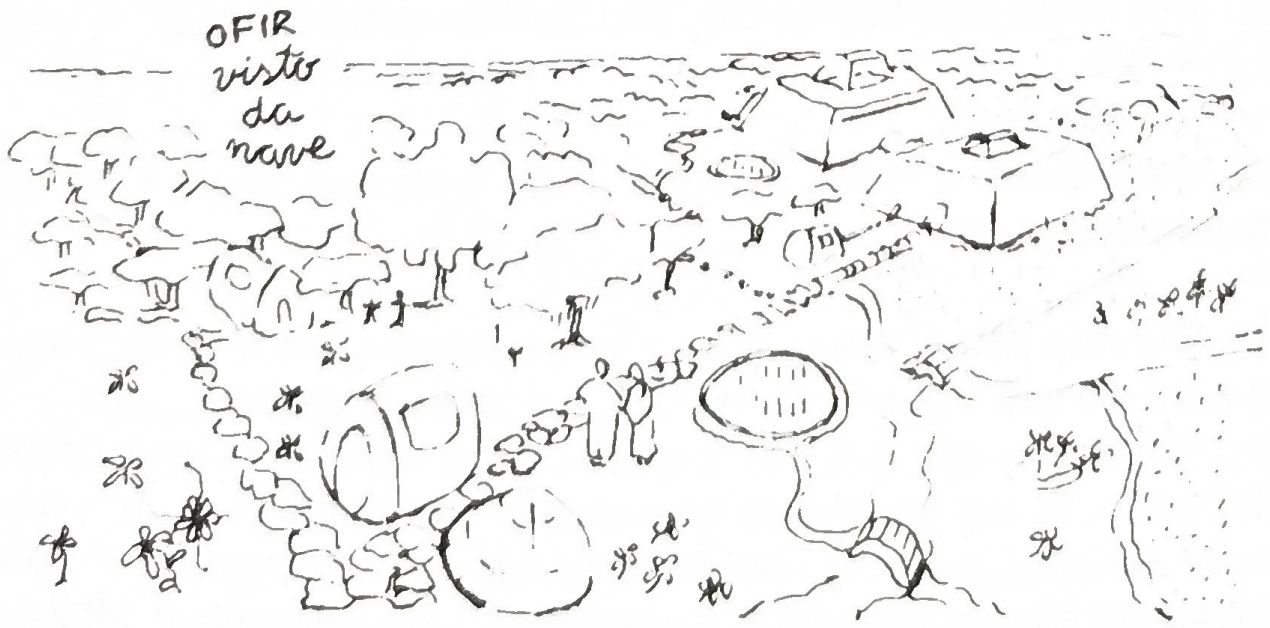
Sentei-me numa poltrona perto dele para observar pela tela aquele maravilhoso planeta. Estava impaciente por ver os seus habitantes.

Íamos lentamente, a uns trezentos metros de altura. Observei muitos objetos voadores semelhantes ao nosso; quando se aproximaram, comprovei que tinham formas e tamanhos muito diferentes.

Não vi grandes montanhas naquele planeta, também não vi zonas desérticas. Tudo estava forrado de vegetação em variados tons, com diferentes matizes de verde, marrom e alaranjado em diferentes graus. Havia muitas colinas, lagoas, rios e lagos de águas de um azul-celeste muito luminoso. Aquela natureza tinha algo de paradisíaco.

Comecei a distinguir edificações que formavam círculos ao redor de uma construção principal. Havia muitas pirâmides, algumas com escadas, outras, lisas; com bases triângulares ou quadradas, mas o que mais havia era uma espécie de casas semicirculares de diversas cores claras, com predominância do branco.

Depois apareceram os habitantes daquele mundo. De cima eu os via transitar os caminhos, nadar nos rios e lagoas, tinham aparência humana, pelo menos vistos a distância; todos vestiam túnicas brancas, somente certos detalhes eram de outras cores: as franjas nas bainhas ou os cintos.



Não se via nenhuma cidade.

—Não existem cidades em Ofir nem em nenhum outro mundo civilizado. As cidades são formas pré-históricas de convivência —disse Ami.

—Por quê?

—Porque elas têm muitos defeitos; um deles é que muitas pessoas em um mesmo ponto produzem um desequilíbrio que afeta tanto a elas como ao planeta.

—Ao planeta?

—Os planetas são seres vivos, com maior ou menor evolução. Somente vida produz vida. Tudo é inter-dependente, e tudo está inter-relacionado. O que ocorre à Terra afeta as pessoas que a habitam, e vice-versa.

—Por que muitas pessoas em um mesmo ponto produzem um desequilíbrio?

—Porque não são felizes, e isso a Terra percebe. As pessoas precisam de espaço, árvores, flores, ar livre...

—As pessoas mais evoluídas também? —perguntei confuso, porque Ami estava insinuando que as sociedades futuras viveriam em ambientes parecidos a "granjas", e eu pensava que ia ser exatamente o contrário: cidades artificiais em órbita, enormes edifícios-cidades, metrópoles subterrâneas, plástico por todos os lados; igual que nos filmes...

—Sobretudo pessoas mais evoluídas —respondeu.

—Pensava que era o contrário.

—Se na Terra não pensassem tudo ao contrário, não estariam a ponto de se destruir novamente...

—E estas pessoas de Ofir, não querem voltar à Terra?

—Não.

—E por quê?

—Ao deixar o ninho, os adultos não voltam ao berço, é pequeno para eles...

Quando nos aproximamos a umas construções de pouca altura e de um estilo muito moderno, começamos a descer.

—Isto é o que mais se parece a uma cidade em um planeta civilizado. É um centro de organização, distribuição e apresentação de atos culturais. As pessoas só vêm ocasionalmente em busca do que necessitam, ou também para presenciar alguma

manifestação artística, espiritual ou científica, mas ninguém mora aqui.

Parou a nave a uns cinco metros de altura e disse com entusiasmo:

—Agora você vai conhecer os seus antepassados de milhões de anos atrás!

—Vamos sair da nave?

—Nem sonhando. Os seus vírus poderiam matar todas as pessoas deste mundo.

—E por que não o afetam?

—Porque estou "vacinado", mas antes de voltar ao meu planeta devo me submeter a um tratamento purificador.

Muitas pessoas transitavam por aí. Quando uma delas passou por perto das janelas de nossa nave, percebi algo terrível: eram gigantes!

—Ami, estes não são terrícolas; são monstros!

—Por quê? —brincou— Só porque medem uns três metros de altura?

—Três metros!

—Um pouco mais, um pouco menos, mas eles não se sentem especialmente altos...

—Mas você diz que eles vieram da Terra, e lá as pessoas medem um pouco mais da metade...

—Disse-lhe que os sobreviventes na Terra foram afetados pelas radiações e desequilíbrios no planeta e isto modificou seu crescimento, mas ao rítmo que vão, em algumas centenas de anos poderão atingir sua estatura natural... se sobreviverem.

Ninguém prestava muita atenção em nós. Eram pessoas de pele morena, magras, pélvis estreita e ombros levantados, retos. Alguns usavam um cinturão parecido ao de Ami.

Todos eram muito tranqüilos, relaxados e amáveis. Seus olhos, grandes e luminosos, denotavam profunda espiritualidade; eram puxados para os lados, amendoados; não como os dos asiáticos, mas como os das pessoas que aparecem nas pinturas egípcias.

São os antepassados dos egípcios, maias, incas, gregos e celtas, entre outros —explicou-me Ami—; essas culturas foram

restos da civilização atlante, e estes são descendentes diretos deles...

A Atlântida, o continente que afundou —exclamei— Pensei que isso fosse uma fábula...

—Quase todas as fábulas de seu mundo são mais reais do que essa sombria realidade na qual vocês vivem...

Em geral, as pessoas não andavam sozinhas, mas em grupos; tocavam-se muito uns aos outros ao conversar, andavam de braço dado ou apoiados no ombro do companheiro; alguns, de mãos dadas. Quando se encontravam ou se despediam, faziam-no com grandes expressões de carinho; eram muito alegres e despreocupados...

—Eu lhe disse, são des-pre-ocupados, não se pre-ocupam, se ocupam; oxalá você aprendesse a fazer a mesma coisa.

—Por que estão tão contentes?

Perguntei isso, porque na Terra as pessoas andam muito sérias pelas ruas; aqui, todos pareciam estar numa festa.

—Porque estão vivos... você acha pouco?

—E eles não têm problemas?

—Eles têm desafios, não problemas. Aqui está tudo bem.

—Meu tio diz que a vida só tem sentido quando existem problemas para solucionar, e que uma pessoa sem problemas se daria um tiro.

—Seu tio se refere a problemas para seu intelecto. O que acontece, é que ele tem atividade em só um dos dois cérebros que mencionei; seu tio é simplesmente "atividade intelectual caminhante". O intelecto é um computador que não pode deixar de funcionar; a menos que a pessoa já tenha desenvolvido o outro cérebro, o emocional.

—Quando o intelecto não encontra nenhum problema para resolver, nenhum quebra-cabeças, pode chegar a enlouquecer e pensar em dar-se um tiro.

Senti que ele se referia a mim, porque eu também estou sempre pensando sem parar.

—E existe alguma outra coisa, além de pensar?

—Perceber, desfrutar o que se vê, escutar os sons, tocar, respirar conscientemente, cheirar, saborear, sentir, aproveitar o momento presente... Você é feliz neste momento?

—Não sei...

—Se você deixasse de pensar por um momento, seria muito feliz. Imagine: Você está numa nave espacial, em um mundo situado a anos luz de distância da Terra, está contemplando um planeta civilizado, habitado pelos antigos atlantes... Em lugar de perguntar bobagens, olhe ao seu redor, aproveite o momento...

Senti que Ami tinha razão, mas ainda tinha uma dúvida e a expressei:

—Então o pensamento não serve?

—Típica conclusão terrícola! —riu— Se não é o melhor, então tem que ser o pior. Se não é branco, deve ser obrigatoriamente negro. Se não é perfeito, é demoníaco. Se não é Deus, é o diabo... Extremismo mental! —acomodou-se na poltrona—. Claro que o pensamento serve; sem ele você seria um vegetal, mas o pensamento não é a máxima possibilidade humana.

—Qual é então, desfrutar?

—Para desfrutar, você precisa perceber que está desfrutando.

—E perceber não é pensar?

—Não. A percepção é consciência, e consciência é mais que o pensamento.

—Então a consciência é o máximo —concluí, um pouco cansado já dessa confusão na qual eu tinha me metido por causa das minhas perguntas.

—Também não —disse Ami, com um sorriso misterioso—. Vou lhe dar um exemplo. Você já percebeu que escutou uma música estranha há pouco tempo, a primeira que selecionei?

—Sim, mas eu não gostei.

—Você percebeu que escutava uma música estranha, isso foi consciência, mas não a desfrutou.

—Realmente, não.

—Então, para desfrutar não é suficiente a consciência...

—Você tem razão!... O que falta então?

—O principal: a segunda música de fato a desfrutou, não foi?

—Sim, porque eu gostei.

—Gostar é uma forma de amar. Sem amor não existe o desfrutar; sem consciência, também não; o pensamento ficou em um discreto terceiro lugar como possibilidade humana. O amor ocupa o primeiro lugar... Nós procuramos amar tudo, viver em amor, assim

desfrutamos mais. Você não gostou da lua, eu sim. Posso desfrutar mais e sou mais feliz do que você.

—Então o amor é a máxima possibilidade humana?

—Agora sim, Pedrinho, perfeito.

—E isso, sabe-se na Terra?

—Você sabia? Ensinaram no colégio?...

—Não.

Lá estão apenas no terceiro degrau, no pensamento; por isso, os que pensam muito, são chamados sábios...

—E como é possível que algo tão simples não seja percebido?

—Porque só utilizam um dos dois cérebros, mas o pensamento não pode experimentar amor. Os sentimentos não são pensamentos. Alguns chegam a pensar que os sentimentos são algo "primitivo" e que devem ser substituídos pelo pensamento, então, elaboram teorias que justificam a guerra, o terror, a desonestidade e a destruição da natureza. Agora sua humanidade está em perigo de extinção devido a esses pensamentos tão "inteligentes" e a essas teorias tão "brilhantes"...

—Você tinha razão quando dizia que na Terra pensamos as coisas ao contrário...

—Então observe um pouco o mundo de Ofir. Aqui as coisas não são tão ao contrário...

A falta de sono, todas as emoções do dia e os novos ensinamentos de Ami, deixaram-me esgotado. Detrás dos vidros podia ver pessoas gigantescas, edifícios estilizados, crianças de dois metros de altura, veículos voadores e terrestres, mas meu interesse estava se derretendo devido ao cansaço.

—Você sabe quantos anos tem esse senhor? —Ami se referia a um homem que conversava perto da nave. Aparentava uns sessenta anos. Tinha os cabelos brancos, mas não parecia um ancião.

—Uns sessenta anos?

—Ele tem aproximadamente uns quinhentos anos de idade...

Senti um enjôo, um cansaço ... minha cabeça estava por explodir.

—Sabe, Ami? estou cansado, quero descansar, dormir, voltar para casa, já não quero saber mais nada, estou com náuseas, não quero ver nenhuma outra coisa...

—"Indigestão informativa" —brincou Ami— Venha, Pedrinho, deite-se aqui.

Levou-me até uma das poltronas laterais, reclinou-a até transformá-la em um divã bem gostoso. Acomodei-me sobre ele, era confortável. Ami colocou alguma coisa na base de minha cabeça e o sono me venceu instantaneamente. Relaxei e dormi profundamente várias horas...

Capítulo 9

A Lei Fundamental

Acordei animado e descansado, cheio de energias, como novo. Meu amigo estava revisando alguns controles e me piscou um olho.

—Está melhor, agora?

—Sim, fantástico... Nossa, minha vovó!... Quantas horas dormi?

—Quinze segundos —respondeu.

—O quê! —levantei para olhar através das janelas. Estávamos no mesmo lugar, as mesmas pessoas andavam por ali, o homem de cabeça branca ainda conversava, não muito longe da nossa nave. Nada havia mudado.

—Como você fez isto?

—Você precisava dormir para "carregar baterias". Temos "carregadores" que em quinze segundos o descansam como oito horas de sono.

—Extraordinário! Então vocês nunca se deitam para dormir?

—Nunca, não. De vez em quando precisamos. Através do sono recebemos algo mais que "carga"; mas nós, com muito pouco tempo temos o suficiente, não nos "descarregamos" tanto quanto vocês.

—Poxa, os "civilizados" sim que aproveitam bem a vida! Quinhentos anos... e quase não dormem!...

—É isso mesmo...

—Quer dizer que esse senhor tem quinhentos anos... Como você sabe?

—Por alguns detalhes das suas roupas. Quer falar com ele? Venha cá.

Sentamo-nos na frente de uma tela; meu amigo pegou um microfone e digitou uns sinais sobre o teclado dos controles.

Apareceu o rosto de um homem. Ami falou num idioma estranhíssimo, com sons que só pareciam variações de "shhh" quase

inaudíveis; relacionei-os imediatamente com a música que parecia o assovio de um trem. O homem escutou-os e veio até a nave. Depois nos sorriu —pela tela, como se nos visse! e me disse claramente:

—Alô, Pedro!

Comprendi que se usava um "tradutor", pois os movimentos de seus lábios não correspondiam aos dos sons que eu ouvia.

—A-Alô —respondi nervoso.

—Sabe? Somos quase parentes, meus antepassados também vieram de uma civilização da Terra.

—Ah... —não consegui dizer nada mais interessante...

—Essa civilização se destruiu por falta de amor...

—Ah...

—Quantos anos você tem?

—De... digo, nove anos... e o senhor?

—Uns quinhentos anos terrestres.

—E... não sente tédio?

—Tédio... entediar-me... —tinha cara de não entender.

—Quando a mente busca atividade e não encontra —explicou-lhe Ami.

—Ah, sim; já tinha esquecido... Não; não sinto tédio; por que deveria?

—De viver tanto, por exemplo...

Nesse momento aproximou-se dele uma jovem e bela mulher. Cumprimentou-o com grande ternura. Ele também começou a acariciar e beijar a mulher. Conversaram e sorriram; depois ela foi embora. Parecia que se amavam muito.

—Quando o pensamento está a serviço do amor, não existe tédio —disse sorrindo.

Achei que ele estava apaixonado por essa bela mulher e perguntei:

—O senhor está apaixonado?

Ele suspirou profundamente e disse:

—Estou completamente apaixonado.

—Pela jovem que estava com o senhor?

—Pela vida, pelas pessoas, pelo universo, por existir... pelo amor.

Outra mulher veio até ele, era ainda mais bela que a anterior; morena, magra, cabelos compridos, sedosos e bem negros, praticamente azul escuros; seus olhos eram de um verde transparente. Acariciaram-se e se beijaram no rosto, olharam-se profundamente

um ao outro nos olhos, conversaram, riram e se despediram. Pensei que esse senhor era uma espécie de Casanova espacial...

—O senhor foi visitar a Terra alguma vez?

—Oh, sim. Fui algumas vezes, mas é muito triste...

—Por quê?

—A última vez que fui, as pessoas se matavam, havia fome, milhões de mortos, cidades destruídas, campos de prisioneiros... é triste.

Senti-me muito mal, como se fosse um homem das cavernas naquele mundo.

—Leve ao seu planeta uma mensagem minha —disse o homem com um sorriso carinhoso.

—Claro, qual?

—Amor, união e paz.

Despedimo-nos para visitar outros lugares do mundo de Ofir.

—Esse senhor tem duas esposas?

—Claro que não. Só tem uma —respondeu.

—Mas... ele beijou as duas...

—Onde está o problema? Eles se amam... Nenhuma delas era a sua esposa.

—E se a verdadeira o surpreende?

Ami riu de mim.

—Nos mundos civilizados não existem ciúmes.

—Ah! —senti entusiasmo, pensei compreender...

—Então a gente pode ter muitas mulheres... —disse com malícia. Ami respondeu-me com um olhar transparente:

—Não, só uma.

Não compreendi, fiquei em silêncio e preferi contemplar a paisagem pela tela.

Apareciam campos de lavoura nos quais trabalhavam máquinas. De trecho em trecho havia um centro como o que nós tínhamos visitado antes. Não havia grandes extensões despovoadas, nem cidades. Vi caminhos bordeados de flores, árvores e enfeites de pedra; riachos, pontezinhas, cachoeiras... Todo aquele mundo parecia um jardim estilo japonês.

As pessoas andavam a pé, em pequenos grupos ou casais. Não vi estradas, apenas pequenos caminhos. Minúsculos veículos, parecidos aos que se utilizam nos campos de golfe, transportavam algumas pessoas.

—Não vejo automóveis, caminhões, trens...

—Não são necessários. Todo o transporte é feito pelo ar.

—Por isso vemos tantos "ovnis"... Como fazem para não se chocarem?

—Estamos conectados a um "Super-computador" que pode interceptar os comandos de cada nave —Ami acionou alguns controles—; vamos tentar bater naquelas pedras. Não se assuste...

A nave acelerou até atingir uma velocidade impressionante e se atirou diretamente contra as pedras. Antes de bater nos desviamos e continuamos em sentido horizontal a alguns metros de altura. Ami não tinha mexido nos controles para evitar o desastre.

—É impossível bater, o "super-computador" não deixa.

—Que maravilha! —exclamei aliviado— Quantos países tem Ofir?

—Nenhum, Ofir é um mundo civilizado...

—Não tem países?

—Claro que não... ou talvez só um: Ofir.

—Quem é o Presidente?

—Não tem Presidente.

—Então quem manda?

—Mandar... mandar... ninguém manda.

—Mas quem organiza?

—Isso é outra coisa. Aqui já está tudo organizado, mas quando aparece algum imprevisto, os mais sábios se reúnem com os especialistas no tema e tomam decisões ou programam o computador correspondente, mas têm muito pouco que fazer, já está tudo planificado e as máquinas fazem quase todo o trabalho.

—E então, o que fazem as pessoas?

—Viver, trabalhar, estudar, desfrutar, servir, ajudar a quem se possa, mas como nos nossos mundos não existem grandes problemas, ajudamos aos mundos menos civilizados. É uma pena que não possamos fazer muito, porque tudo deve ser feito dentro dos limites do "plano de ajuda". Mandamos "mensagens", fazemos "contatos", como este, "damos uma ajuda" no nascimento de religiões que despertam para o amor... Como você pensa que caía "maná" do céu no deserto?...

—Vocês?...

—Nós mesmos. Também colaboramos na salvação das melhores pessoas, quando os mundos se autodestroem... Foi terrível como afundou a Atlântida...

—Foi pelas bombas? —perguntei.

—E também pelo ódio, pelo sofrimento, pelo medo... A Terra não suportou essas radiações negativas dos seres humanos, e muito menos as explosões nucleares. O continente inteiro afundou, e se vocês agora não mudam, e continuam com as explosões atômicas e a infelicidade, a Terra pode não suportar novamente e é possível que aconteça uma coisa semelhante...

—Nunca tinha pensado nisso!

—Tudo repercute em tudo —disse Ami.

—Que responsabilidade para todos nós!...

—Bem, para isso estamos trabalhando.

—Imagine que há pessoas que não aceitam que vocês existem...

—Essas pessoas são ingênuas; não somente existimos, como também os observamos cuidadosamente. O universo inteiro é uma unidade, um organismo vivo.

Não podemos descuidar das descobertas científicas que se produzem em qualquer mundo pouco civilizado. Já lhe disse que determinadas energias, quando utilizadas por mãos equivocadas, podem modificar o equilíbrio da galáxia inteira... e isso inclui nossos mundos, tudo repercute em tudo, por isso trabalhamos na sua evolução.

—Não vejo cercas em nenhum lugar. Como você sabe de quem é cada terreno?

—Aqui tudo pertence a todos...

Fiquei pensando por muito tempo.

—Então ninguém quer progredir?

—Acho que não o entendo bem, Pedrinho.

—Progredir, sair da massa, ser mais do que os demais.

—Você está se referindo a ter um maior nível evolutivo, mais medidas? Para isso existem exercícios espirituais.

—Não estou me referindo às medidas.

—A que então?

—A ter mais que os outros.

—A ter mais o que, Pedrinho?

—Mais dinheiro.

—Aqui não existe dinheiro...

—E como fazem compras, então?

—Ninguém compra. Se alguém precisa de alguma coisa, vai e pega...

—Seja o que for?

—O que precise —disse Ami.

—Qualquer coisa? —eu não podia acreditar no que estava escutando.

—Se alguém precisa de alguma coisa e isso existe, por que não?

—Um carrinho desses que andam por aí, também?

—Ou uma nave espacial —Ami falava como se o que ele me contava fosse a coisa mais natural do mundo.

—Todo mundo pode ter uma nave espacial?

—Todo mundo pode utilizar uma nave espacial —corrigiu Ami.

—Esta nave é sua?

—Eu a estou utilizando, você também.

—Perguntei se é sua.

—Vamos ver... "sua" indica posse, domínio... já lhe disse que tudo pertence a todos, a quem necessite e enquanto o ocupa.

—E quando já não se necessita?

—Então já não se utiliza mais.

—E se, por exemplo, eu pego uma dessas naves e quero deixar no meu pátio quando não a ocupo... posso?

—Por quanto tempo você não vai ocupá-la?

—Vamos dizer... uns três dias —respondi.

—Então é melhor que você a deixe no lugar que está destinado para estacionar naves, o "aeroporto", assim ela serve a outra pessoa enquanto você não a ocupa. Depois, quando você chega, pode pegar essa ou qualquer outra que esteja livre.

—Mas se eu quero essa?

—Mas por que essa? aqui tem nave de sobra, além de que todas são mais ou menos parecidas.

—Imagine que eu sinto carinho por ela, assim como você pela sua "antiga" televisão...

—Esta televisão, como você a chama, é uma pequena lembrança, ninguém precisa dela porque é antiga; quando já não deseje conservá-la, entregarei para que as pessoas que trabalham com este tipo de instrumentos decidam se vão desarmá-la ou modificá-la; também posso ficar com ela a minha vida toda, não é uma coisa de utilidade pública. Mas se você quer conservar sempre essa mesma nave (capricho esquisito, porque não foi você

quem construiu essa nave, além de que tem de sobra) vai ter que esperar que chegue, que esteja livre.

—Mas se eu quero utilizar essa mesma nave, só para mim e mais ninguém?

—Por que mais ninguém? —perguntou Ami.

—Vamos supor que eu não gosto que usem as minhas coisas...

—Mas, por quê? Aqui ninguém tem doenças contagiosas...

—Não sei, mas imagine que eu goste que minhas coisas sejam minhas e de mais ninguém.

—Isso seria um sentido de posse doentio, egoísmo.

—Não é egoísmo.

—O que é então... generosidade? —Ami ria.

—Quer dizer que eu tenho que partilhar minha escova de dentes com todo mundo?

—Extremismo mental de novo... Você não tem que partilhar sua escova de dentes nem seus objetos pessoais; aqui tem aos montes, sobram, ninguém se escraviza a eles... agora, não querer compartilhar uma nave espacial!... Além disso, no "aeroporto" ela é verificada pelas máquinas encarregadas da tarefa, é consertada quando for preciso, você não tem que fazer isso por conta própria.

—Parece interessante, mas sinto tudo isso um pouco como se fosse "colégio interno", tudo obrigatório, vigiado...

—Você se engana. Aqui as pessoas gozam da maior liberdade.

—E não existem leis?

—Sim, existem, mas todas elas estão baseadas na Lei fundamental do universo, beneficiando a todas as pessoas.

—Quer me contar agora essa bendita lei?

—Mais adiante, calma —sorria ele.

—E se eu violar alguma lei?

—Vai sofrer.

—Vão me castigar, prender-me?

—Não. Aqui não existe castigo nem prisões, mas se você cometer alguma falta, sofre; você mesmo se castiga.

—Eu mesmo? Não entendo, Ami.

—Você daria uma bofetada na sua vovó?

—Não, claro que não!... imagine...

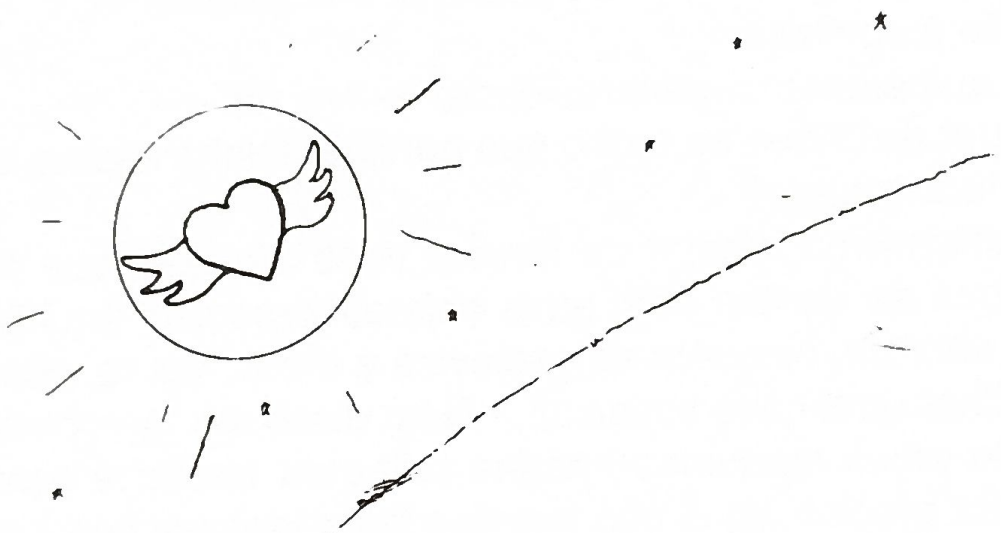
—Imagine que sim, que lhe dá uma bofetada... que lhe aconteceria?

—Sentiria dor, arrependimento, seria insuportável!...

—Isso é castigar-se a si mesmo... não precisa que o castiguem ou que o prendam. Tem coisas que ninguém faz, e não é porque as leis proíbam. Você não machucaria a sua avó, não lhe provocaria uma ferida, não roubaria seus pequenos objetos pessoais; ao contrário, você tenta ajudá-la e protegê-la.

—Sim, porque eu a amo.

—Aqui todos nos amamos, somos todos irmãos.



Existem momentos nos quais compreender alguma coisa produz interiormente o efeito de uma explosão de luz. Através das explicações de Ami, eu consegui compreender de repente tudo o que ele estava querendo me dizer. Aquele mundo era uma grande família na qual todos se amavam entre si, e por isso, compartilhavam tudo. Achei isso muito simples agora.

—Exatamente assim estão organizados todos os mundos evoluídos do universo —explicou-me Ami, feliz de que eu tivesse assimilado.

—Então, a base da organização é o amor...

—Sim, Pedrinho; essa é a Lei fundamental do universo...

—Quê!? Qual!?

—O amor —disse Ami.

—O amor?

—O amor. Essa é a Lei.

—Eu pensava que seria algo mais complicado...

—É simples, singelo e natural, e apesar disso não é fácil de vivenciar, para isso existe a evolução. Evolução significa aproximar-se ao amor. Os seres mais evoluídos experimentam e expressam mais amor. A verdadeira grandeza ou mesquinhez dos seres está determinada unicamente pela medida do seu amor...

—E por que dá tanto trabalho?

—Por que temos dentro de nós uma barreira que impede ou freia nossos melhores sentimentos.

—Qual é essa barreira?

—O ego. Uma idéia falsa a respeito de nós mesmos, um falso eu. Quanto maior é o ego, mais a gente pensa que é melhor do que os demais. O ego faz a gente se sentir com autorização para desprezar, fazer mal, dominar e utilizar os demais; inclusive dispor de suas vidas. Como o ego é uma barreira ao amor, impede-nos sentir compaixão, ternura, carinho, afeto... amor. O ego nos insensibiliza frente à vida, é alimentado por falsas idéias, por conceitos errados a respeito de nós mesmos, dos demais e da própria vida. Veja: ego-ísta, interessa-se por si mesmo e não pelos outros. Ególatra, que se adora a si mesmo e a mais ninguém. Ego-tista, só fala de si. Ego-cêntrico, pensa que o universo gira ao seu redor. A evolução humana consiste em diminuir o ego para que o amor possa crescer.

—Então quer dizer que nós, os terrestres, temos muito ego.

—Depende do nível de evolução de cada um. Continuemos o passeio, Pedrinho.

Capítulo 10

A fraternidade interplanetária

Em uma concavidade dos prados havia um bonito e pequeno anfiteatro, no qual vários seres muito estranhos representavam um espetáculo para o público.

No começo pensei que estavam fantasiados, mas logo compreendi que não. Havia seres gigantescos, ainda maiores do que os de Ofir, outros mais baixos, quase anões; alguns eram mais magros do que os terrícolas, outros muito parecidos a nós... Olhares lindos e estranhos, grandes olhos, bocas pequenas; rostos da cor de azeitona quase sem nariz e lábios... Chamou a minha atenção um grupo de crianças muito parecidas a Ami, apesar de que não se vestiam como ele.

—São originários do meu planeta —explicou-me.

Tinha cinco de cada mundo, dançavam de mãos dadas ao som de uma bela melodia, formando uma alegre roda. Um globo dourado ia caindo suavemente; quando se aproximava de algum ser, este o remetia para cima. Enquanto caía, aquele que o tinha impulsionado e os quatro restantes de seu grupo passavam dançando de uma maneira harmoniosa no centro da roda e realizavam outra dança, ao compasso de uma nova música, que se somava à anterior, sem destoar. Enquanto isto acontecia, o resto da roda continuava com a dança geral, ao compasso da primeira melodia. Quando o globo alcançava outro grupo de seres, estes ocupavam o centro, ao compasso de outra música, e os anteriores voltavam a seu lugar. A roda geral ia girando lentamente. Cada vez que um grupo terminava seu ato, o público aplaudia com grande entusiasmo.

—Imagino que todos estes seres são originários de diferentes mundos.

—É assim mesmo. Cada grupo mostra as danças do seu planeta.

Entre o público havia seres de outros mundos, não somente ofirianos. O anfiteatro estava todo decorado com bandeiras ao re-

dor. Naves muito diferentes estavam estacionadas fora do lugar, num estacionamento. Outras, como a nossa, permaneciam no ar.

—Quem está ganhando? —perguntei.

—Ganhando o quê?

—Isso me parece que é uma competição, não?

—Competição?

—Não estão escolhendo o grupo que dança melhor?

—Não.

—E qual é o objetivo, então?

—Mostrar o que sentem, agradar dando um bonito espetáculo, estreitar laços de amizade, ensinar, desfrutar.

—E o grupo que dança melhor que os demais, não ganha nenhum prêmio?

—Ninguém está comparando nada. Aprendem e se divertem.

—Na Terra os melhores são premiados...

—E com isso, os últimos se sentem humilhados e aos ganhadores lhes cresce o ego... —disse Ami, sorrindo.

—É duro, mas quem quer ganhar tem que se esforçar.

—"Ganhar", ser mais do que os demais, outra vez, competição, egoísmo, separatismo. Devemos competir contra nós mesmos, superar-nos, e não contra os demais irmãos. Essas coisas não existem nos mundos fraternais, evoluídos, porque aí está a semente da guerra e da destruição.

—Acho que você está exagerando... são competições sãs, esportivas...

—Mas encaradas com critérios cavernícolas... já existiram guerras que começaram por causa de uma partida de futebol; até se matam nos estádios da Terra... Isto que você está vendo é são, esportivo e artístico.

—Parece uma brincadeira de crianças que existe no meu planeta.

—A roda, o círculo, são símbolos universais; representam a fraternidade; também outras coisas, entre elas, um mundo.

—Que significa o círculo do seu peito?

—Significa a humanidade.

—E o coração alado?

—É o amor elevado e livre, desapegado.

—A humanidade unida em amor! —exclamei.

—Você é um gênio! —disse ele, muito contente.

Continuamos observando o espetáculo enquanto Ami explicava:

—Cada um dos movimentos que realizam tem um significado, faz parte de uma linguagem.

—Que bonito!.. gostaria de que a minha avó visse isto... agora que penso, que horas são na Terra?

—Sua vovó ainda vai dormir quatro horas.

—Podemos vê-la daqui?

—Sim, através da conexão com os satélites que temos em órbita na Terra. Espere.

Acionou os controles de uma tela e apareceu meu planeta visto muito de longe; depois vimos minha vovó dormindo.

—É maravilhoso!... Você pode ver o universo todo?

—Não voe tão alto!... acho que você desconhece o tamanho do universo.

—Você tem razão,desconheço, sim —confessei.

—Nós sabemos de alguns milhões de galáxias, as mais próximas. As outras as vemos de longe, e mais para lá... ignoramos o que existe... Mas esta tela é muito interessante, com alguns milhões de galáxias é suficiente, não é? —rimos— sem contar que podemos sintonizar o passado de qualquer mundo...

—O passado?... como é possível?

—É fácil; está tudo arquivado, e de muitas maneiras... "Nada existe oculto que não se chegue a conhecer"... Vou lhe mostrar uma dessas maneiras. Esse balão dourado que flutua ali, recebe sua luz do sol, esta rebate no globo, e chega aos seus olhos; outros raios saem disparados para cima, para o espaço, viajam por ele eternamente. Se captamos essa luz em qualquer ponto da sua rota e a ampliamos, estaremos vendo o globo exatamente como foi no passado.

—Incrível!

—Mais adiante posso lhe mostrar Napoleão, César, Jesus... em ação!

—De verdade?

—E a você mesmo há alguns anos... Mas, por enquanto, quero que você conheça um pouco mais de Ofir.

Começamos a nos elevar deixando atrás aquele anfiteatro.

Uma nave luminosa passou bem perto de nós fazendo um jogo de luzes; a nossa também o fez, enquanto Ami sorria com brejeirice.

—Quem era, algum amigo seu?

—Eram pessoas alegres e divertidas, oriundas de um mundo que visitei faz muito tempo.

—Qual foi o significado desse jogo de luzes?

—Uma saudação, amizade, foram simpáticos comigo e nós com eles...

—Como você sabe?

—Você não sentiu?

—Acho que não...

—Isso é porque você não se observa. Se estivesse atento a você mesmo, assim como ao exterior, você poderia descobrir muitas coisas... Não sentiu uma certa alegria quando essa nave se aproximava?

—Não sei... acho que não... estava pensando que podíamos bater...

—Estava pre-ocupado —Ami ria— Veja essa nave que vai por lá, é de meu mundo, observe que é idêntica a esta.

—Gostaria de conhecer seu planeta.

—Em outra viagem vou levá-lo; hoje não temos tempo.

—Você promete?

—Se você escrever o livro, prometo.

—E ao passado também?

—Ao passado também.

—E às praias de Sírio também?

—Também —o menino espacial ria—, você tem uma boa memória. E também ao planeta que estamos preparando para abrigar os que resgatarmos no caso de produzir-se uma destruição da Terra.

—Isso quer dizer que a destruição é inevitável?

—Depende do que vocês fizerem para viver unidos, sem fronteiras, sem injustiças, sem armas.

—E formar um só país: a Terra, não é?

—É. Os regionalismos exagerados revelam pontos de vista pouco elevados, egoísmo. Um apego excessivo a um lugar não deixa espaço para amar o resto dos lugares. O universo é muito grande. Devemos pensar e amar "em tamanho grande". Alguns pensam que os que são de sua rua são melhores do que os outros das outras ruas do mundo...

—Você tem razão, deveríamos viver sem fronteiras. Que somente a atmosfera seja a nossa fronteira! —exclamei entusiasmado.

—E nem mesmo isso. O Universo é livre, amor é liberdade. Nós não precisamos pedir permissão a ninguém para vir para este mundo ou a qualquer outro que desejemos visitar.

—Qualquer um pode vir a este mundo sem pedir autorização...

—E a qualquer outro mundo do universo...

—E as pessoas daqui não se zangam?

—Por que deveriam se incomodar? —Ami regozijava-se com nosso diálogo.

—Não sei; é difícil para mim aceitar tanta maravilha....

—Vou tentar explicar-lhe, Pedrinho. Os mundos evoluídos formam uma fraternidade universal; todos somos irmãos, amigos, todos somos livres de ir e vir, sempre que não prejudiquemos ninguém. Não existem segredos, nem nada é proibido. Não existe guerra das galáxias, entre nós não existe violência. A violência é uma característica dos mundos primitivos e das sociedades que estes constroem. Não existe competição entre nós, ninguém quer ser mais do que o seu irmão. A única coisa que todos nós queremos é desfrutar de forma sã, a vida; mas, como amamos, nossa maior alegria a obtemos servindo, ajudando aos demais, e sendo úteis somos felizes. Todos temos a consciência em paz, amamos ao nosso Criador e lhe agradecemos por dar-nos a existência e permitir-nos desfrutá-la. A vida é muito simples para nós, apesar de termos muitos avanços científicos, e se a humanidade da Terra conseguir sobreviver, e se conseguir superar seu egoísmo e sua desconfiança, nós nos faremos presentes para ajudá-los, para que se integrem à fraternidade cósmica. Se conseguirem isso, a vida já não vai ser uma dura competição pela sobrevivência e vai começar a felicidade para todos; vamos lhes dar as ferramentas para que possam fazer da Terra um mundo feliz, pacífico, justo e unido.

—É maravilhoso o que você diz, Ami.

—Porque é verdade. Somente a verdade é maravilhosa. Quando você chegar ao seu mundo escreva esse livro, para que seja uma voz a mais, outro grão de areia.

—Quando eu lhes contar, todos vão acreditar e vão deixar suas armas para viver em paz... —eu disse, muito convencido.

Ami riu novamente de mim, enquanto me acariciava a cabeça, mas desta vez não me incomodei, porque já não o considerava um menino como eu, senão melhor.

—Que inocente! Você não percebe que estão em guerra, competindo de forma feroz, terrivelmente adormecidos, tão sérios e com as caras fechadas... mas as verdades do universo não são sérias, são maravilhosas. Você acha que um campo de flores é sério?

—Não. É bonito —respondi.

—Se as pessoas que governam os países e os exércitos fossem as que criam as flores, elas lhes colocariam balas no lugar das pétalas, e leis desumanas e rígidas no lugar dos talos...

—Então... não vão acreditar em mim?

—As crianças e os que são como crianças acreditarão; os adultos pensam que somente as coisas horríveis são verdadeiras. Colecionam objetos materiais, adoram as armas e não se interessam por nada que seja maravilhoso e verdadeiro; pensam que a escuridão é luz e que a luz é escuridão. Esses não vão se interessar pelo seu livro; mas as crianças sabem que a verdade é maravilhosa e pacífica. Elas vão contribuir para difundir a nossa mensagem, que vai chegar através de você. É um processo. Nós realizamos nossa tarefa, brindando nossa ajuda e servindo. A humanidade deve agora fazer um esforço por si mesma.

—E se não prestam atenção a isso e destroem o mundo?

—Vamos ter que fazer a mesma coisa que fizemos há milhões de anos.

—Resgatar todos aqueles que têm um bom nível —disse.

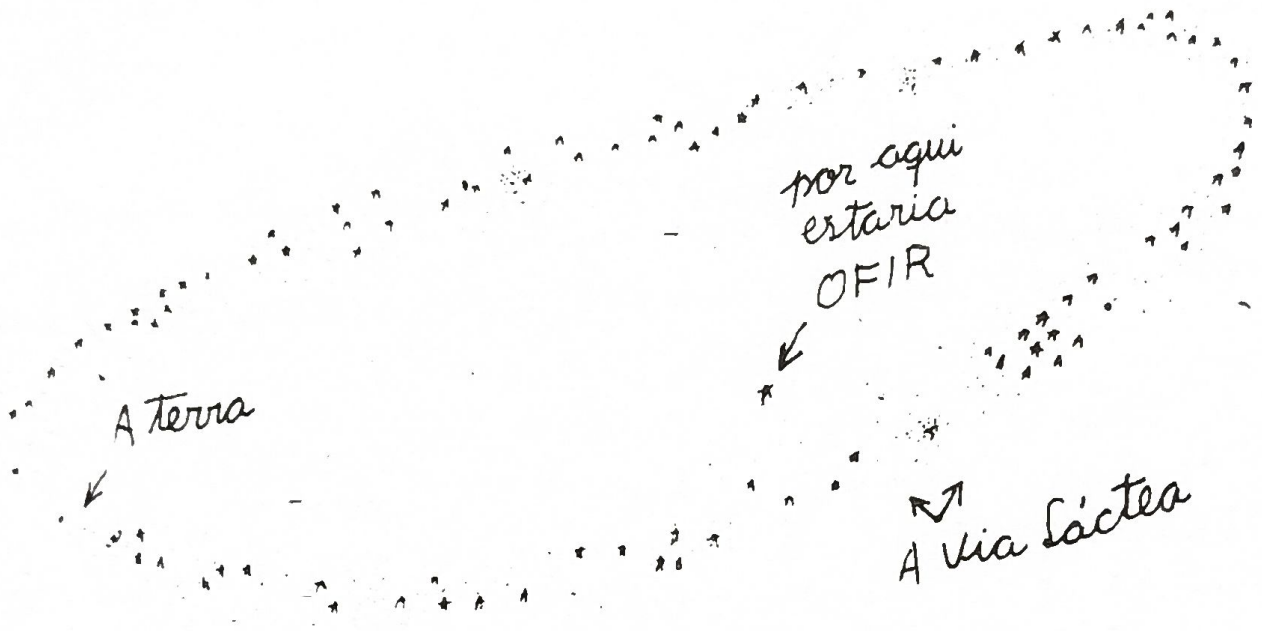
—Isso mesmo, Pedrinho.

—E eu tenho setecentas medidas? —Novamente tentei saber isso.

—Todo aquele que faz algo pela paz, tem um bom nível. E todo aquele que não faz nada, podendo fazer algo, é indiferente ou cúmplice, não tem amor, não tem um bom nível.

—Então, assim que eu chegar em casa, começo a escrever —disse, um pouco assustado.

Ami riu de mim.


por aqui estaria OFIR
A terra
A via Láctea

Capítulo 11

Debaixo d'água

Aproximavámo-nos de um imenso lago de águas azul-celeste. Sobre suas águas deslizavam embarcações a vela e a motor; na beira, as pessoas se banhavam. Tive vontade de mergulhar nessas águas tão cristalinas.

—Você não pode fazer isso.

—Por causa dos meus micróbios.

—Exatamente.

Havia um cais ao qual as pessoas chegavam para pegar livremente qualquer veículo aquático, luxuosos iates, pequenos botes a remos, umas bonitas esferas transparentes de diferentes tamanhos, bicicletas marinhas e roupa para mergulhar.

—Então, aqui cada um pode pegar qualquer coisa...

—Claro.

—Acho que maioria vai querer pegar os iates de luxo...

—Você está enganado; muitas pessoas gostam de remar, outros de brincar com um barco pequeno, ter a sensação de sentir a água de perto, fazer exercícios físicos...

—Por que tantas diversões; hoje é domingo?

—Aqui todos os dias são domingo —Ami ria.

Algumas pessoas pegavam as roupas especiais para mergulhar e submergiam.

—O que fazem debaixo d'água?

—Passeiam, descobrem, desfrutam a vida... você quer ir lá?

—Mas se você disse que eu não posso sair da nave...

Ami tomou o rumo do lago e enquanto sorria, submergimos nele. Foi muito bonito ver aparecer esse mundo subaquático. Muitas pessoas e veículos se movimentavam por debaixo da superfí-

cie das águas; a maioria eram essas esferas transparentes. Um menino que usava um visor para mergulhar e um pequeno tubo de oxigênio, passava perto de nós; quando nos viu, aproximou-se da nossa nave e colou seu nariz no vidro de uma das janelas, fazendo-nos uma careta. Ami ria. Pensei que se fosse eu que estivesse mergulhando numa praia do meu mundo, não teria me aproximado com tanta confiança de um "ovni" submarino...

No fundo do lago apareceu uma enorme cúpula transparente com luzes de diversas cores; havia uma espécie de restaurante no interior dessa enorme bolha. Lá dentro se podiam ver mesinhas, uma orquestra e uma pista de baile. As pessoas dançavam ao compasso de um ritmo alegre. Alguns batiam palmas, enquanto observavam das mesas cheias de sorvetes e bebidas em copos altos.

—Ali também não se paga?

—Em nenhum lugar, Pedrinho.

—Então, se a vida é tão fácil, como é que essas pessoas não se dedicam a desfrutar, em lugar de trabalhar?

—Aqui tem muito pouco trabalho, os mais pesados são realizados pelas máquinas e pelos robôs.

—Isto é melhor do que ir para o céu!

—Estamos "no céu"... não?

Estava começando a compreender cada vez com maior clareza a maravilha que devia ser viver num mundo como esse.

—Isto tem que se ganhar —disse Ami.

Continuamos avançando lentamente pelo fundo daquele lago povoado de estranhos peixes e plantas.

Apareceram umas pirâmides que se elevavam entre as algas e os corais de vários matizes.

—Não tem tubarões por aqui?

—Nem tubarões, nem serpentes, nem aranhas, nem feras; nada agressivo ou venenoso. Este é um planeta evoluído, portanto, já não tem espécies distanciadas do amor... essas são para os mundos que as merecem...

—O que comem os peixes?

—A mesma coisa que as vacas e os cavalos de seu planeta: vegetais. Nos mundos civilizados ninguém mata para viver, nenhum animal come outro.

—Então você não come carne...

—O que você quis me dizer?

Não quis dizer nada que o ofendesse, mas Ami ria.

—Claro que não comemos carne... que nojo, é uma maldade matar esses franguinhos, porquinhos e vaquinhas inocentes...

Assim como ele o tinha descrito, eu também pensei que era uma maldade. Decidi não voltar a comer carne.

—E falando de comida... —disse, sentindo meu estômago vazio.

—Você está com fome?

—Muita. Será que tem alguma comida extraterrestre por aí?

—Claro, procure ali atrás —apontou um armário detrás das poltronas de comando. Levantei a tampa que deslizava para cima. Apareceu uma despensa pequena, cheia de recipientes de um material que se parecia à madeira, marcados com estranhos sinais.

—Pegue o maior.

Não soube como abrir, parecia hermético. Ami ria da minha confusão.

—Aperte o ponto vermelho.

Fiz isso, a tampa se levantou suavemente. Apareceram umas frutas parecidas a nozes, de cor âmbar claro, um pouco transparentes.

—O que são estas coisas?

—Coma uma.

Peguei uma, era mole como esponja, experimentei com a ponta da língua. Tinha um sabor mais ou menos doce.

—Coma, rapaz, coma que não é veneno —Ami não perdia de vista todos os meus movimentos.

—Dê-me uma.

Entreguei-lhe o frasco e ele pegou uma das frutas, levou-a até a boca e a comeu com deleite. Mordi um pedacinho e o saborei com cuidado. Tinha um gosto parecido ao amendoim, nozes ou avelãs. Seu sabor era muita delicado, gostei. Fui adquirindo con-

fiança. O segundo pedaço me pareceu mais gostoso.

—São deliciosas!

—Não coma mais de três ou cinco, têm proteínas demais.

—O que é isso?

—É uma espécie de mel —ria Ami— de alguma coisa parecida a abelhas —agora Ami ria mais.

—Gosto disso. Posso levar algumas para a minha vovó?

—Claro, mais deixe o frasco aqui. Somente para sua avó, não as mostre para mais ninguém, comam-nas todas e não guarde nenhuma, você promete?

—Prometo... hummmm... são deliciosas.

—Não tanto, para meu gosto, como umas frutas da Terra.

—Quais?

Essas que vocês chamam damascos ou abricôs.

—Você gosta?

—Claro, no meu planeta todos gostam muito. Já tentamos adaptá-las aos nossos solos, mais ainda não conseguimos esse sabor. É muito freqüente aparecerem "ovnis" nas plantações de damascos...

Ami ria com suas risadas de nenen.

Vocês os roubam? —perguntei, com enorme surpresa.

—Roubar... o que é roubar? —fingia não saber.

—Pegar o que pertence a outros.

—Ah, posse, de novo. Então não podemos evitar os "maus hábitos" de nossos mundos —ria de novo— e "roubamos" uns cinco ou dez damascos...

Achei engraçado, apesar de que alguma coisa me incomodava. Roubar é roubar, quer seja uma fruta ou um milhão de dólares. Disse isso.

—Porque na Terra não podem deixar que quem necessite alguma coisa a pegue, sem pagar? —perguntou Ami.

—Você está louco? Ninguém se preocuparia em trabalhar, se não vão ganhar nada...

—Não têm amor, então, senão egoísmo... não podem dar se não vão receber algo em troca.

Ami tinha um estilo muito especial para dizer coisas duras com um sorriso, com ternura e compreensão.

Fiquei imaginando que eu era o dono de uma plantação dedica-

da ao cultivo de damascos. As pessoas vinham e pegavam minhas frutas sem pagar nada, depois aparecia um "malandro" que se aproveitava de mim; vinha com um caminhão e levava todas as minhas frutas. Eu tentava protestar, mas ele se afastava com seu veículo cheio, e caçoando de mim dizia:

—Então não existe amor em você?... você é um egoísta, ha, ha, ha.

—Nossa, quanta desconfiança —Ami tinha visto todo o meu "filme" mental e disse:

—Numa sociedade civilizada ninguém "se aproveita" de ninguém. O que este homem vai fazer com um caminhão cheio de frutas?

—Vai vendê-las claro...

—Nada se vende; não existe dinheiro...

Achei isso muito engraçado, não tinha me lembrado que num mundo civilizado não existe dinheiro.

—Está bem, mas, por que eu vou trabalhar a troco de nada?

—Se em você existe amor você vai ser feliz de poder servir ao próximo, e assim você tem direito a ser servido, pode ir até o vizinho e pegar da sua colheita o que você precise; do leiteiro pega leite, do padeiro o pão, e assim sucessivamente; e se em lugar de fazer tudo isso isoladamente e em forma desordenada, a sociedade se organiza e levam os produtos aos centros de distribuição, e se em lugar de você trabalhar, trabalham as máquinas...

—Ninguém faria nada!

—Sempre haveria algo para fazer: supervisar as máquinas, criar outras mais perfeitas, ajudar àqueles que necessitam de nós, aperfeiçoar nosso mundo e a nós mesmos, e também desfrutar o tempo livre.

—Mas não faltaria aquele que só quer aproveitar e não fazer nada, o "malandro" —afirmei, lembrando-me do homem do caminhão.

—Esse, que você qualifica como "malandro", tem um baixo nível de evolução, menos de quatrocentas medidas, muito egoísmo e pouco amor; na verdade, ele pensa que é malandro, astuto, inteligente, mas é bem tonto; com esse nível não se pode ingressar nos mundos civilizados; neles se considera um grande privilégio

trabalhar mais, poder servir mais. Aqui, muitas pessoas se divertem, mas a maioria está trabalhando em outros lugares, nos laboratórios, universidades, em todas essas pirâmides e também em missões de serviço nos planetas incivilizados. A vida é para ser vivida com felicidade, para desfrutá-la, mas a maior felicidade se obtém servindo aos demais...

—Então estas pessoas... são preguiçosas?

Pela risada de Ami soube que de novo estava enganado.

—Não, não são. Acontece que não são muito abundantes as oportunidades de servir nestes mundos.

—Quantas horas por dia trabalham?

—Depende do tipo de atividade, se é agradável, podemos trabalhar a jornada completa, como eu neste momento... mas isto é um grande privilégio.

—Você trabalhando; no que está trabalhando?... o que eu vejo é que estamos passeando —Ami ria enquanto me escutava.

—Sou algo assim como um professor ou um mensageiro, o que é quase a mesma coisa.

Não me pareceu que fosse o mesmo. Nesse momento vi dois jóvens que forçavam a janela de uma pirâmide submarina; tentavam entrar para roubar. Ami captou meus pensamentos e riu.

—Estão limpando os vidros!... Você tem a imaginação cheia de delitos...

—Como é a polícia daqui?

—Polícia; para quê?

—Para cuidar, para evitar que os malvados...

—Que malvados?

—Não tem nenhum malvado aqui?

—Bem, ninguém é perfeito, mas com setecentas medidas, a informação e os estímulos precisos, e dentro de um sistema de organização social adequado, todos deixam de ser nocivos para seus semelhantes; já não se necessita ser "malvado", e também não se precisa da polícia...

—É incrível!

—Incrível é que num mundo se matem uns aos outros...

—Você tem razão. Agora que eu penso, me parece impossível que algum dia, na Terra, cheguemos a viver como vocês; somos

malvados, falta-nos amor; eu mesmo, tem gente que eu não gosto —pensei em um colega do colégio que está sempre sério. Quando nos entusiasmamos brincando, é suficiente um olhar seu para que a gente perca o ânimo. Também me lembrei de outro que pensa que é santo; afirma que a Virgem Maria aparece para ele e lhe diz que ele irá para o Céu; sempre nos está condenando porque fazemos alguma travessura e brincadeiras e porque não vamos muito à missa... não, definitivamente eu não gosto.

—Eu também não acho que todas as pessoas são agradáveis, do meu mundo ou de qualquer outro, mas não porque eu pense que não são simpáticas vou lhes fazer algum mal.

—De verdade; você tem defeitos? —entusiasmei-me— eu pensava que você era perfeito! Eu também não faria nenhum mal a esses dois antipáticos... mas não me obrigue a viver com nenhum deles...

—Nos mundos evoluídos existem almas que não se atraem, mas que também não se rejeitam. Para missões ou trabalhos de muita convivência se buscam pessoas afins, apesar de que quando se chega às mil e quinhentas medidas se ama a todas as pessoas; devemos tentar avançar por esse caminho, mas nem a vocês nem a nós se exige tanto por enquanto.

—Então, não é necessário que os terrícolas sejam perfeitos?

Agora sim que meu amiguinho espacial riu com vontade.

—Os terrícolas perfeitos!... Você sabe o que é ser perfeito?

—Ser como Deus?

—Isso mesmo. Quem pode? Eu não...

—Eu também não —disse

—É típico do misticismo terrestre, do extremismo mental. Matam sem compaixão, torturam, enganam, escravizam-se à materia, têm um baixo nível de evolução, e exigem perfeição!... Seria suficente que abandonassem as armas e vivessem em paz, como uma família, só isso; para conseguir isso não precisam ser perfeitos, somente devem deixar de ser daninhos. Isso é muito mais fácil do que conseguir a perfeição. Somente um estalar de dedos e o mundo começa a viver em paz, mas lhes parece uma loucura, uma utopia, um impossível; em troca, A PERFEIÇÃO, isso sim lhes parece possível... não fazem nada pela humanidade e só se dedicam

a buscar pequenos erros alheios ou próprios: "coam mosquitos e engolem camelos".

—E se uma pessoa se retira a uma montanha para buscar a Deus? —meu colégio é religioso, por isso sempre se toca nesses temas.

—Se alguém se afoga num rio, enquanto você reza na beira sem fazer nada por essa pessoa, Deus estaria contente com você? —perguntou Ami.

—Não sei... talvez ele fique contente com as minhas orações.

—Qual é a Lei fundamental do universo?

—Amor.

—Em qual atitude sua tem mais amor: rezando indiferente enquanto seu irmão se afoga, ou tentando lhe salvar a vida?

—Não sei... se em minha oração eu estou amando a Deus...

—Vejamos de outra maneira. Se você tem dois filhos, um deles está se afogando num rio, e o outro se dedica a adorar um retrato seu e não faz nada por salvar a vida a seu irmão, você acharia correta essa atitude?

—Não, claro que não, preferiria mil vezes que salvasse meu outro filho... mas talvez Deus não seja como eu.

—Não? Você o imagina vaidoso, interessado simplesmente em que o adorem, sentindo indiferença pela sorte dos seus outros filhos?... Se você, que é imperfeito, não atuaria assim, como Ele poderia, que é Perfeito, ser pior do que você?

—Não tinha visto dessa maneira...

—Deus prefere um ateu serviçal para com seus irmãos, do que um beato inútil para seu mundo que se "afoga", interessado unicamente em sua ilusória "salvação", "evolução" ou "perfeição" individual.

—Não tinha percebido isso Ami. Por que você sabe tanto a respeito de Deus?

—Porque Deus é amor, portanto, quem experimenta amor, experimenta a Deus, e quem ama, unicamente quer ser útil.

—Qual é sua religião?

—Nenhuma, ou talvez sim, não sei... Em todo o universo evoluído a única religião universal consiste em viver em amor, porque o amor é Deus... além disso, não temos nenhum sistema de crenças.

—Exceto uma —disse eu.

—Qual, Pedrinho?

—Bem, isso de que o amor é o universo fundamental da lei...

—Lei fundamental do universo, Pedrinho, mas não é uma crença, senão uma lei, comprovada científica ou espiritualmente, porque ciência ou espiritualidade são a mesma coisa para nós, e também o será para vocês quando a sua ciência descobrir o amor.

—Eu pensei que era uma...

—Uma superstição —perguntou Ami rindo.

—Algo assim...uma boa intenção, talvez.

—Enganou-se de novo. Vamos ver algumas pessoas muito especiais...

Capítulo 12

A nova era

Saímos da água e avançamos em alta velocidade para a superfície do planeta Ofir; em pouco tempo chegamos até uns edifícios. Paramos no ar e eu quase desmaiei com o que vi: várias pessoas... vo-a-vam!



Mantinham-se no ar com os braços abertos, alguns verticalmente, outros em posição horizontal. Todos tinham os olhos fechados e seus rostos denotavam grande suavidade e concentração. Deslizavam como águias descrevendo enormes círculos. Ami acionou o "sensômetro" e focalizou um deles.

—Vamos ver o seu nível de evolução.

Apareceu o homem muito transparente. A luz do seu peito

era um espetáculo maravilhoso, transpassava os limites do seu corpo irradiando uma esfera de luz que o envolvia e se expandia muito além dele.

Vivenciam a força mais poderosa do universo: a força do amor —explicou-me.

—Como podem voar? —perguntei, fascinado.

—O amor os eleva, algo parecido fizemos na praia.

—Devem ter uma quantidade enorme de medidas...

—Estas pessoas têm aproximadamente mil medidas, mas se concentram no amor e conseguem superar duas mil. Estes são exercícios espirituais; quando terminam a prática voltam ao seu nível habitual. Existem mundos nos quais seus habitantes vivem normalmente como eles agora, mas existem outros nos quais nem você nem eu podemos chegar por enquanto; ali habitam seres que superam dez mil medidas: os seres solares, são quase puro amor...

—Seres solares?!

—Claro, os habitantes dos sóis...

—Jamais teria imaginado...

—É natural, ninguém pode ver por cima do degrau no qual se encontra... Vamos ver esse grupo que está logo ali.

Ao longe havia umas cinqüenta pessoas sentadas nos prados formando um círculo; assim como os homens que voavam, pareciam brilhar à simples vista. Tinham as pernas cruzadas e as costas retas, meditavam ou rezavam.

—Que estão fazendo?

—Enviam aos mundos menos evoluídos da galáxia, algo assim como mensagens telepáticas, mas não são percebidas somente com a mente, é imprescindível o coração.

—Você me falou sobre isso. Que dizem essas mensagens?

—Procure colocar sua atenção em seu peito, acalme seus pensamentos e talvez as possa receber. Estamos muito perto da fonte de emissão... não, assim não; relaxe seu corpo, feche os olhos e permaneça atento.

Assim o fiz. A princípio não senti nada, exceto uma emoção especial desde que nos aproximamos do lugar, mas logo me invadiram uns "sentimentos-idéias":

"Tudo aquilo que no Amor não se sustente
haverá de ser destruído
esquecido no tempo
repudiado..."

Chegava até mim uma espécie de clareza interna, depois a minha mente colocava palavras nessas sensações. Era algo muito estranho e maravilhoso.

"E tudo aquilo que no Amor se sustente
amizade ou casal
família ou agrupação
governo ou nação
alma individual ou humanidade
será firme e seguro
haverá de prosperar e frutificar
e não conhecerá a destruição..."

Quase podia "ver" o Ser que dizia aquilo; para mim, não se tratava dessas pessoas, para mim era Deus quem falava.

"Esse é meu Pacto
essa é minha Promessa e minha Lei".

—Você captou, Pedrinho? —perguntou Ami. Abri os olhos.

—Oh, sim... de que se trata tudo isto?

—Essas mensagens são provenientes do mais Profundo, de Deus. Estes amigos que você vê, recebem-nas e retransmitem aos mundos menos evoluídos, como o seu. Ali são captadas por outras pessoas, mas nem sempre são retransmitidas com pureza, porque ela depende do nível de consciência do receptor.

—Nível de consciência? Que é isso, Ami?

—O grau de equilíbrio entre os dois cérebros, Pedrinho; ele faz com que as mensagens possam ser utilizadas para o que realmente é o seu objetivo: criar a Nova Era; ou que sejam deturpadas para aumentar a confusão, o medo e a violência.

—Nova Era?

—Sim, a Era de Aquário.

—Que é isso de Era de Aquário?

—Uma nova etapa evolutiva do planeta Terra, o final de milênios de barbárie, uma Nova Era de amor. Seu planeta começa a ser regido por energias cósmicas e geológicas mais sutis, que favorecem o crescimento do amor em todos os seres. Vocês já poderiam estar vivendo como aqui, em Ofir.

—E por que não o fazemos ainda, Ami?

—Porque continuam guiando-se pelas velhas idéias e sistemas que não se adaptam aos novos tempos e só fazem sofrer às pessoas de seu mundo. Mas os seres nasceram para ser felizes, Pedrinho, não para sofrer. Por isso estamos trabalhando neste "plano de ajuda". Você já percebeu que na Terra ultimamente se fala muito de amor?

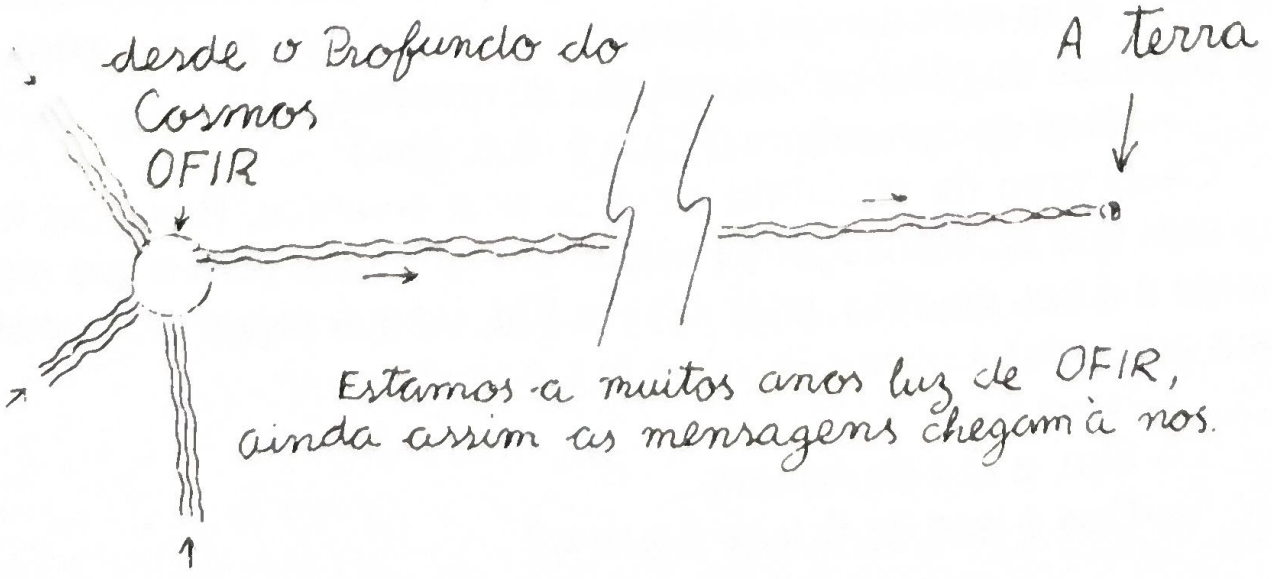
—Sim, é verdade.

—Isso se deve a que nesta "Era de Aquário" muitas pessoas recebem essas mensagens e a maioria delas sente a força da radiação do amor, que agora é maior.

—Então, por que existe mais sofrimento agora na Terra? Em outras épocas houve guerras mundiais, miséria, pestes...

—Sim, mas as pessoas eram mais insensíveis, sofriam menos frente às atrocidades, acreditavam nas guerras, hoje em dia já não; hoje, a imensa maioria só quer viver em paz. É uma "nova fornada humana", produto de radiações mais finas, e sofrem mais, porque quanto maior é a sensibilidade, maior é o sofrimento frente à dor... lamentavelmente.

Afastamo-nos em altíssima velocidade daquele lugar impregnado de estranhas vibrações espirituais.



—Quantas horas temos ainda, Ami?

—Duas.

—Que estranho! Sinto como se houvéssemos estado umas doze horas nesta nave, desde que subi lá na praia...

—Disse-lhe que se pode estiiiicar o tempo... Vamos ao "cinema". Veja lá embaixo.

Tínhamos chegado a uma região noturna do planeta Ofir, mas tudo se via muito iluminado por uma enorme quantidade de luzes artificiais nos prados e edifícios.

Observei alguma coisa como um cinema ao ar livre, com muitos espectadores. A tela era uma lâmina de cristal sobre a qual apareciam imagens em cores, jogos de formas e matizes ao compasso de uma música suave. Na frente da tela havia uma poltrona especial, separada das outras. Sobre ela se encontrava uma mulher com alguma coisa, parecida a um capacete, na cabeça. Permanecia com os olhos fechados, muito concentrada.

—De que se trata, Ami?

—O que ela imagina, aparece na tela... É um "cinema" que não necessita filmadoras nem projetores.

—Mas isto é maravilhoso demais! —exclamei.

—Técnica —disse Ami—, simples técnica.

A mulher terminou de apresentar seu espetáculo; um homem tomou seu lugar, enquanto o público aplaudia.

Começou a escutar-se outra música; na tela apareceram aves estilizadas que voavam ao compasso da música sobre paisagens que pareciam de cristal ou pedras preciosas. Aquilo era muito bonito, algo assim como desenhos animados. Ficamos muito tempo contemplando em silêncio aquela maravilha extraterrestre.

Depois veio um menino, apresentou uma história de amor entre ele e uma menina de outro mundo; sucedia em diferentes e estranhos planetas. As imagens, menos precisas que as anteriores, às vezes desapareciam totalmente. Perguntei por que acontecia isso.

—É uma criança, ainda não tem a capacidade de concentração de um adulto, mas o faz muito bem para sua idade.

—Também imaginam a música?

—As imagens e a música ao mesmo tempo, não; não neste mundo, mas existem outros nos quais sim podem conseguir tal proeza; em Ofir existem salas de concertos nas quais o artista simplesmente imagina a música e o público a escuta... Você quer ir a um parque de diversões?

—Claro!

Chegamos a um mundo de fantasia, onde havia todo tipo de jogos: gigantescas montanhas russas, lugares nos quais as pessoas ficavam levitando enquanto morriam de rir; imitações de lugares fabulosos e seres fantásticos.

—Quanto maior é a evolução, mais se é como uma criança —explicou-me Ami—; nestes mundos temos muitos lugares como este. A alma adulta é a alma de uma criança. Necessitamos de jogos, de fantasia, de criação... Não existe jogo, fantasia ou criação maior que o universo, cujo criador é o amor...

—Deus?

—O amor é Deus... nos nossos idiomas temos uma só palavra para referir-nos ao Criador, à Divindade, a Deus; essa palavra é AMOR... e a escrevemos com maiúscula. Vocês também o farão algum dia.

—Cada vez percebo mais a importância do amor.

—E ainda sabe pouco... Vamos, terminou a visita a Ofir. Este mundo vive como vocês poderiam começar a viver a partir de amanhã mesmo. Se fossem capazes de unir-se, nós lhes ensinaríamos o resto. Agora vamos a um mundo que nem você nem eu podemos atingir ainda, somente visitar rapidamente com algum nobre propósito, como este.

Lá, ninguém está abaixo de duas mil medidas. A viagem é comprida, vou aproveitar para contar-lhe outras coisas; sente-se nessa poltrona.

Ami acionou os controles, a nave vibrou com suavidade, as estrelas se esticaram novamente, e por detrás dos vidros apareceu a neblina que indicava que íamos para um longínquo mundo.

Capítulo 13

Uma princesa azul

—Você disse que existem pessoas às quais ehe é difícil amar, não é verdade, Pedrinho?

—Sim.

—É ruim não amar?

—Sim —respondi.

—Por quê?

—Porque você disse que o amor é a Lei, e tudo isso.

—Esqueça o que eu disse. Imaginemos que o estou enganando, ou que estou enganado. Imagine um universo sem amor.

Comecei a visualizar mundos nos quais ninguém amava ninguém. Todos eram frios e egocêntricos, porque ao não haver amor, não existia um freio ao ego, como dizia Ami. Todos lutavam contra todos e se destruíam... Lembrei-me das energias que Ami tinha mencionado, essas que são capazes de produzir um descalabro cósmico; imaginei um ego ferido e suicida apertando "o botão". Unicamente por vingança... explodiam as galáxias numa reação em cadeia!...

—Se não existisse amor, não haveria universo —concluí.

—Poderíamos dizer, então, que o amor constrói e que a falta de amor destrói?

—Acredito que sim —respondi—, o resultado final é esse.

—Quem criou o universo?

—Deus.

—Se o amor constrói e Deus "construiu" o universo, existirá amor em Deus?

—Claro! conectei-me com a imagem de um ser maravilhoso e resplandescente, que por amor criava galáxias, mundos, estrelas...

—Tente lhe tirar essa barba de novo —Ami ria. Era verdade; novamente o havia imaginado com barba e rosto humano; mas agora já não nas nuvens, senão que no meio do universo.

—Então, podemos dizer que Deus tem muito amor...

—Claro que sim —disse— por isso Ele não gosta nem do ódio nem da destruição...

—Bem, e para que Deus criou o universo?

Fiquei pensando muito mas não encontrei a resposta, e protestei:

—Você não acha que eu sou muito pequeno para responder a essa pergunta?

Ami não me prestou atenção.

—Para que você vai levar essas "nozes" para sua vovó?

—Para que ela experimente... ela vai gostar.

—Você quer que ela goste?

—Claro.

—Por quê?

—Para que ela goste... para que se sinta feliz...

—Por que você quer que ela se sinta feliz?

—Porque eu a amo —eu me senti surpreso ao comprovar que outra das características do amor é desejar a felicidade daqueles a quem amamos.

—Por isso você quer que ela goste das "nozes", que se sinta contente, que seja feliz?

—Sim, por isso.

—Para que Deus cria pessoas, mundos, paisagens, sabores, cores, aromas?

—Para que a gente seja feliz —exclamei, contente por ter compreendido algo que ignorava.

—Muito bem... então, Deus nos ama?

—Claro, ama-nos muito.

—Então se Ele ama, nós também deveríamos amar... ou não...

—Sim, se Deus ama...

—Perfeito. Existe algo superior ao amor?

—Você disse que era o mais importante...

—E também disse que esquecesse o que tinha dito —sorria—, existem pessoas que acham que o pensamento é superior. O que você vai fazer para entregar essas "nozes" à sua vovó?

—Vou ver como lhe preparo uma surpresa.

—E vai utilizar o seu intelecto para isso, não é verdade?

—Claro, vou pensar em algum plano.

—Então, o seu intelecto serve ao seu amor, ou é ao contrário?

—Não entendo.

—Qual é a origem de você querer que a sua vovó seja feliz, seu amor ou seu pensamento?

—Ah! meu amor, dali nasce tudo.

—"Dali nasce tudo", você tem muita razão... então, primeiro você ama e depois utiliza o seu pensamento para fazer feliz a sua vovó, não é?

—Sim, você tem razão, coloco o meu intelecto a serviço do meu amor; primeiro está o amor.

—Então, que existe por cima do amor?

—Nada? —perguntei.

—Nada —respondeu. Olhou para mim com um olhar luminoso.

—E se comprovamos que Deus tem muito amor, o que é Ele?

—Não sei.

—Se existe algo maior do que o amor, Deus deve ser isso, não é verdade?

—Acho que sim.

—E o que é maior do que o amor?

—Não sei...

—Que dissemos que havia por cima do amor?

—Dissemos que não havia nada.

—Então, o que é Deus? —perguntou.

—Ah! "Deus é amor", você já disse isso várias vezes, e a Bíblia também o diz... mas eu pensava que Deus era uma pessoa com muito amor...

—Não. Não é uma pessoa com muito amor; Deus é o amor mesmo, e o amor é Deus.

—Acho que não entendo, Ami.

—Eu lhe disse que o amor é uma força, uma vibração, uma energia cujos efeitos podem ser medidos com os instrumentos adequados, como o "sensômetro", por exemplo.

—Sim, lembro-me.

—A luz também é uma energia ou vibração.

—Sim?

—Sim, e os raios X, infra-vermelhos e o ultra-violeta, e também o pensamento, tudo é uma vibração da mesma "coisa" em diferentes freqüências. Quanto mais alta a freqüência, mais refinada é a matéria ou a energia. Uma pedra e um pensamento são a mesma "coisa" vibrando em diferentes freqüências.

—Que é isso? —perguntei.

—Amor.

—De verdade?

—De verdade... tudo é amor, tudo é Deus...

—Então Deus criou o universo com puro amor?

—Deus "criou" é uma maneira de dizer, a verdade é que Deus "se transforma" em universo, em pedra, em você e em mim, em estrela e em nuvem...

—Então... eu sou Deus?

Ami sorriu com ternura e disse:

—Uma gota de água do oceano não pode dizer que ela é o oceano, apesar de que tenha a mesma composição. Você está feito da mesma substância de Deus, você é amor. A evolução nos permite ir reconhecendo e recuperando a nossa verdadeira identidade: amor.

—Então eu sou amor...

—Claro, aponte para você mesmo.

—Não o entendo, Ami.

—Quando você diz "eu", onde você aponta? A qual parte de seu corpo? Aponte para você dizendo "eu".

—Apontei-me ao centro do peito dizendo "eu".

—Por que você não apontou a ponta do nariz, por exemplo, ou a testa, ou a garganta?

Achei engraçado imaginar-me apontando para outro lugar que não fosse o peito.

—Não sei porque me aponto para aqui —disse, rindo.

—Porque você está aí, o seu eu real. Você é amor, e tem a sua morada em seu coração. Sua cabeça é uma espécie de "periscópio", como em um submarino; serve para que você —apontou-me o peito— possa receber o exterior, um "periscópio" com um "computador" em seu interior: o cérebro; com ele você entende e organiza as suas funções vitais; as extremidades servem para que você se movimente e manipule os objetos, mas você está aqui —tocou-me novamente um ponto no centro do peito— você é amor. Então, qualquer ato que você realize contra o amor é um ato contra você mesmo e contra Deus, que é amor. É por isso que a Lei fundamental do universo é amor, que o amor é a máxima possibilidade humana e que o Nome de Deus é Amor. Assim que, a Religião Universal consiste em experimentar e entregar amor. Essa é minha religião, Pedrinho.

—Agora sim vejo tudo mais claro; muito obrigado, Ami.

—O agradecimento é um dos doze "frutos da Árvore da Vida".

—Por que "Árvore da Vida"?

—Porque do amor nasce a vida... você nunca ouviu falar em "fazer amor"?

—Certo!... Quais são esses doze frutos?

—Verdade, liberdade, justiça, sabedoria, beleza, são alguns deles. Tente ir descobrindo os outros e procure colocá-los em prática.

—Uf!... não é fácil.

—Ninguém está lhe pedindo perfeição, Pedrinho, nem mesmo aos seres solares se pede tanto... Somente Deus é perfeito, puro amor, mas nós somos uma centelha de amor divino e devemos tentar nos aproximar ao que realmente somos. Sermos nós mesmos, isso é o que nos pedem para sermos livres; não existe outra liberdade.

Apareceu uma cor rosada pelas janelas.

—Já chegamos, Pedrinho, olhe pela jan...

O interior da nave ficou banhado pela suave cor desse céu cor-de-rosa, ou melhor, lilás claro. Senti-me cheio de uma reverente espiritualidade.

Minha mente deixou de ser a habitual, e é muito difícil para mim explicar como foi mudando minha consciência. Não via a mim mesmo como o "eu" de agora, não era um menino terrestre, senão que muito mais que isso. Senti que aquilo que estava vivendo e de alguma maneira já o tinha vivido, não era desconhecido para mim, nem aquele mundo nem aquele momento. Ami e a nave desapareceram, eu estava sozinho, vindo de muito longe para um encontro por muito tempo esperado.



Desci flutuando das nuvens rosadas e luminosas, não havia nenhum sol ali, tudo era realmente suave. Apareceu uma paisagem idílica: uma lagoa cor-de-rosa na qual deslizavam aves parecidas a cisnes, talvez brancas, mas o lilás do céu tingia tudo. Ao redor da lagoa havia ervas e juncos de diferentes tonalidades de verde, alaranjado e amarelo-rosado. Nos arredores, ao longe, podiam-se ver suaves colinas forradas de folhagens e flores que pareciam pequenas gemas brilhantes de diversas cores e tonalidades. As nuvens apresentavam diferentes matizes de rosa e lilás.

Não consegui saber se eu estava nessa paisagem, ou ela estava dentro de mim, ou talvez formássemos uma unidade, mas o que mais me surpreende hoje, é que a folhagem... cantava!

Certas ervas e flores balançavam-se emitindo notas musicais ao ritmo de seu movimento, outras, que o faziam em outro sentido, emitiam notas diferentes. Aquelas criaturas eram conscientes; os juncos, ervas e flores cantavam e se balançavam ao meu redor e nas colinas próximas dali; formavam o mais maravilhoso concerto que jamais havia escutado. Tudo era uma consciente harmonia.

Passei flutuando por sobre a beira das águas. Um casal de cisnes, com vários filhotes pequenos, olhou para mim através de suas máscaras azuis, com fineza e respeito; saudaram-me dobrando com elegância seus compridos pescoços. Correspondi inclinando-me suavemente, mas com grande afeto. Os pais ordenaram a seus pequenos que também me cumprimentassem. Acredito que o fizeram através de uma ordem mental ou de um levíssimo movimento; os filhos obedeceram inclinando também suas cabeças, somente que não com tanta elegância nem harmonia; por um momento perderam o equilíbrio, para depois recuperar a estabilidade e continuar avançando com certa arrogância infantil que me inspirou ternura. Retribuí com carinho, simulando uma grande cerimoniosidade.

Continuei meu caminho flutuando até o lugar do encontro. Tinha um encontro marcado com "ela", desde a eternidade dos tempos.

Ao longe apareceu uma espécie de pagode ou pérgola flu-

tuando perto da beira. Tinha um telhado ao estilo japonês, sustentado por finos bambus, entre os quais cresciam trepadeiras de folhas rosadas e flores azuis que formavam uma espécie de parede. Sobre o chão de madeira polida havia almofadas com grandes franjas coloridas; do teto pendiam pequenos enfeites, como incensários de bronze ou de ouro e jaulinhas para grilos.

Sobre as almofadas estava "ela", senti-a próxima, imensamente próxima, contudo, era a primeira vez que íamos nos unir...

Não nos olhamos nos olhos, queríamos prolongar os momentos prévios, não havia que apressar nada... tantos milênios havíamos esperado já...

Fiz uma reverência a qual ela respondeu sutilmente; entrei, comunicamo-nos, mas não com palavras; teria sido vulgar demais, pouco harmonioso nesse mundo e naquele encontro tão sonhado. Nossa linguagem consistiu em um ritual artístico de leves movimentos de braços, mãos e dedos, acompanhados de algum sentimento que enviávamos vibratoriamente. Quando a linguagem falada é insuficiente, o amor nos pede outras formas de comunicação...

Chegou o momento de olhar aquele rosto ignorado: era uma bela mulher de traços orientais e pele de um azul claro. Cabelos muito negros, partidos ao meio. Tinha um sinal no meio da testa.

Senti muito amor por ela, e ela por mim. Chegava o momento culminante. Aproximei minhas mãos às dela... e tudo desapareceu.

Estava ao lado de Ami, na nave, a neblina luminosa e branca indicava que nos havíamos ido daquele mundo.

—...ela...

oh,

você

já

voltou

—disse Ami.

Compreendi que tudo aquilo tinha sucedido numa fração de segundo, entre o "jan" e o "ela" da palavra "janela" que Ami pronunciou apenas apareceu a cor rosada detrás dos vidros. Senti an-

gústia, como quem desperta de um belo sonho e enfrenta uma opaca realidade... ou era ao contrário? Não seria este um mau sonho e o outro, a realidade?

—Quero voltar! —gritei. Ami cruelmente me havia separado "dela", dilacerando-me, não podia fazer isso. Ainda não recuperara a minha mente habitual, o outro "eu" estava superposto à minha vida real. Por um lado era Pedro, um menino de nove anos, por outro lado era um ser... por que não podia recordar agora?

—Não chegau a hora —Ami tranqüilizou-me com suavidade—, você vai voltar...mas não ainda...

Consegui acalmar-me. Soube que era verdade, que voltaria, lembrei-me dessa sensação de "não apressar as coisas" e fiquei tranqüilo. Pouco a pouco fui voltando ao normal, mas já nunca seria o mesmo, agora que havia vislumbrado outra dimensão do meu próprio ser... Eu era Pedro, mas momentaneamente, por outro lado era muito mais que Pedro.

—Em que mundo estive?

—Em um mundo localizado fora do tempo e do espaço... em outra dimensão por enquanto.

—Eu estava ali, mas não era o de sempre... era "outro"...

—Você viu o seu futuro,o que você vai ser quando completar sua evolução até certo limíte... duas mil medidas, mais ou menos.

—Quando vai ser isso?

—Ainda lhe falta nascer, morrer, nascer várias vezes, várias vidas...

—Como é possível ver o futuro?

—Tudo está escrito. A "novela" de Deus já está escrita, você pulou várias folhas e leu outra página, isso foi tudo. Era preciso, é um pequeno estímulo para você renunciar definitivamente à idéia de que tudo termina com uma morte a mais, e para que escreva para que outros o saibam.

—Quem era essa mulher? Sinto que nos amamos, inclusive agora.

—Deus a colocará muitas vezes ao seu lado. Às vezes você a reconhecerá, outras não, vai depender do seu "cérebro do peito". Cada alma tem um único complemento, uma "metade".

—Ela tinha a pele azul!

—E você também, somente que você não se olhou num espelho —Ami ria novamente de mim.

—Agora tenho a pele azul? Olhei minhas mãos intranqüilo.

—Claro que não. Agora ela também não...

—E ela, onde está neste momento?

—No seu mundo...

—Leve-me até onde ela está, quero vê-la!

—E como você pensa reconhecê-la?

—Tinha rosto de japonesa... apesar de que não me lembro dos seus traços... tinha um sinal na testa...

—Já lhe disse que agora ela não é assim —Ami ria— neste momento ela é uma menina comum e normal.

—Você a conhece; sabe quem é?

—Não se apresse, Pedrinho, lembre-se que a paciência é a ciência da paz, da paz interior... não queira abrir antes da hora um presente surpresa. A vida vai guiá-lo... Deus está detrás de cada acontecimento.

—Como a reconhecerei?

—Não com a mente, não com a análise, não com o preconceito, somente com seu coração, com amor.

—Mas, como?

—Observe-se sempre, especialmente quando você conhecer alguém, mas não confunda o interno com o externo... Temos pouco tempo pela frente. Sua vovó vai acordar, temos que voltar!

—Quando você vai voltar?

—Escreva o livro, voltarei depois.

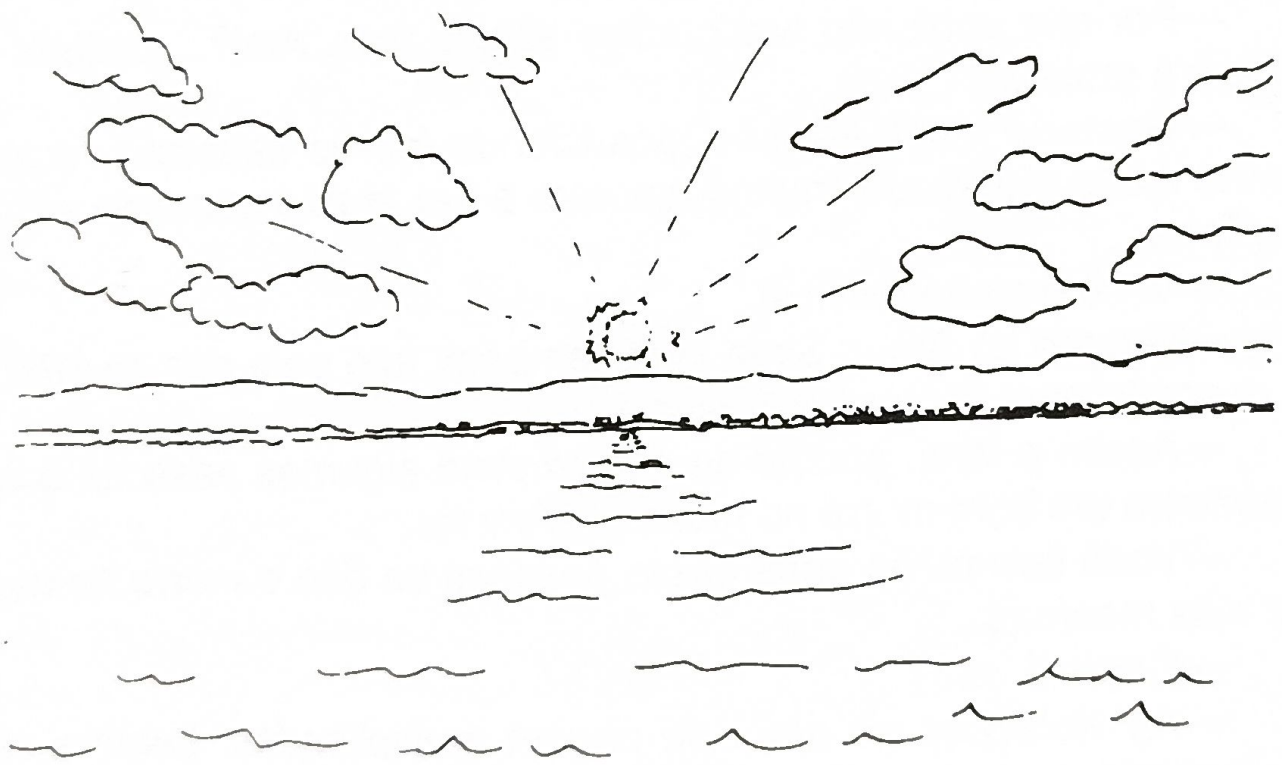
—Coloco o da "japonezinha"?

—Coloque tudo, mas não esqueça de dizer que é um conto.

Capítulo 14

Até a volta, Ami!

Apareceu a atmosfera azul do meu planeta. Estávamos em cima do mar aproximando-nos da costa, o sol já se tinha levantado por cima da linha do horizonte, detrás da longínqua cordilheira e expandia seus dourados raios entre as nuvens prateadas. O céu azul, o mar brilhante, as montanhas, ao longe.



—Meu planeta, é belo, apesar de tudo...

—Eu lhe disse, é maravilhoso, e vocês não o percebem, não somente não o percebem, senão que, além disso, o estão destruindo, e a vocês também. Se compreendem que o amor é a Lei do universo, se chegarem a unir-se como uma só família, sem fronteiras, e conseguirem organizar-se em harmonia com o amor, vão conseguir sobreviver.

—Sem países?

—Os países passariam a formar "estados" representados por um só Governo Mundial, como no universo civilizado... não são todos irmãos?

—Que quer dizer isso de organizar-se em harmonia com o amor?

—Como se organizam as famílias em qualquer lugar: todos participam dos esforços e dos benefícios igualmente. Se são cinco pessoas e há cinco maçãs, uma para cada um. É muito simples. Quando não existe amor, o intelecto se coloca a serviço do ego e complica as coisas para justificar o seu egoísmo. Quando existe amor, tudo é diáfano, transparente.

—Estou com sono, outra vez...

—Venha, vou dar-lhe uma nova "carga", mas esta noite você deve dormir.

Deitei-me numa poltrona. Ami colocou novamente o carregador na base da minha cabeça e eu dormi. Acordei cheio de energia, contente de estar vivo.

—Por que você não fica comigo alguns dias, Ami?... poderíamos ir à praia...

—Gostaria muito —disse, acariciando-me os cabelos— mas tenho muito que fazer, muitos ignoram a Lei, e não somente aqui na Terra...

—Você é muito serviçal...

—Graças ao Amor. Sirva você também, lute pela paz e união, e descarte para sempre a violência.

—Assim o farei, apesar de que existem algumas pessoas que merecem um bom murro no nariz... —Ami riu.

—Você tem razão, mas essas pessoas se dão o murro no nariz elas mesmas...

—Como é isso?

—As violações ao amor se pagam multiplicadas. Lembre-se do sofrimento que se observa em tantos lugares, dos que sofrem acidentes, perdas de seres queridos, que têm "azar" na vida, e tantas coisas... assim se pagam as violações ao amor, e de muitas outras formas.

Apareceu o balneário. Ami colocou a nave alguns metros acima da areia da praia. Estávamos invisíveis.

Acompanhou-me à saída, atrás da sala de comandos, abraçamo-nos. Eu sentia muita tristeza, ele também. Acenderam-se umas luzes amarelas que me ofuscaram.

—"Lembre-se que o amor é o caminho à felicidade" —disse-me, enquanto senti que ia descendo. Em cima não havia nada, mas

soube que Ami estava me olhando, talvez como eu, com lágrimas nos olhos.

Ainda não queria ir embora. Com um graveto desenhei um coração alado na areia da praia, para que ele soubesse que eu tinha escutado sua mensagem. Imediatamente depois, algo traçou um círculo ao redor do coração. Escutei a voz de Ami:

—Essa é a Terra.

Fui caminhando em direção à minha casa. Tudo me parecia bonito; respirei profundamente o aroma do mar, acariciei a areia, as árvores, as flores. Não havia percebido até então a beleza que era este caminho, até as pedras pareciam vibrar.

Antes de entrar, olhei o céu da praia. Não tinha nada.

Minha vovó ainda dormia. Arrumei tudo no meu quarto, de maneira que parecesse que eu acabara de me levantar, fui ao banheiro para banhar-me. Quando saí, minha vovó estava levantada.

—Como dormiu, filhinho?

—Bem, vovó. E você?

—Mal, Pedrinho... como sempre. Não fechei um olho a noite inteira...

Não pude evitar abraçá-la com carinho.

—Vovó, tenho uma surpresa para você; vou lhe dar no café da manhã.

Ela preparou o café e o serviu. Eu tinha colocado as "nozes" em um prato coberto por um guardanapo. Havia cinco ou seis.

—Experimente isso, vovó —disse-lhe, aproximando-lhe o prato.

—Que são, filhinho?

—São nozes extraterrestres, experimente, são gostosas.

—Ah, menino... você diz cada coisa... deixa eu ver... hummmm... que gostosas! O que são?

—Já lhe disse, nozes extraterrestres. Não coma mais de três, têm muitas proteínas. Vovó, você sabe qual é a Lei maior do universo?

Estava radiante, ia lhe dar uma aula magistral...

—Claro que sim, filho —respondeu.

Preparei-me para corrigi-la.

—Qual é, vovó?

—O amor, claro, Pedrinho —respondeu com total naturalidade. Fiquei como louco, como é que ela podia saber isso?

—E como é que você sabe? —exclamei incrédulo.
—Está na Bíblia...
—Então, por que tem tanta maldade e guerra, vovó?
—Porque não são todos os que sabem, ou não querem saber!

Saí ao povoado. Ao chegar na pracinha fiquei paralisado: na minha frente apareceram os dois guardas da noite anterior. Passaram ao meu lado ignorando-me completamente. De repente olharam para cima, outras pessoas faziam o mesmo.

No céu, um objeto brilhante se movimentava fazendo um jogo de luzes coloridas: vermelhas, azuis, amarelas, verdes. Os guardas se comunicavam por rádio com a comissária. Eu estava contente e divertido. Sabia que Ami estava me olhando pela tela, saudei-o alegremente com a mão.

Um senhor, já de certa idade, que caminhava com uma bengala, sentia-se muito incomodado pelo alvoroço:

—Um ovni, um ovni —diziam felizes as crianças. O senhor olhou para cima e logo desviou os olhos com desagrado.

—Gente ignorante, supersticiosa!... isso deve ser um globo-sonda, um helicóptero, um avião... ovnis... que ignorância! —E afastou-se altivo, rua acima, com sua bengala, sem olhar novamente para aquele maravilhoso espetáculo que apareceu no céu daquela manhã.

Senti no ouvido a voz de Ami, o menino das estrelas:

—Adeus, Pedrinho.
—Adeus, Ami —respondi emocionado.
O "ovni" desapareceu.

No dia seguinte, os jornais não publicaram a notícia... é que essas alucinações coletivas já deixaram de ser novidade, já não são "notícia"... cada dia aumenta mais o número de gente ignorante e supersticiosa...

Na praia daquele balneário existe um coração alado dentro de um círculo, gravado no alto de uma pedra, a mesma na qual eu conheci Ami. Parece como se tivessem fundido a pedra para desenhar esse símbolo, ninguém sabe como foi feito. Qualquer pessoa que chegue nesse lugar pode ver, mas é difícil subir nessa pedra tão alta, especialmente para os adultos; uma criança é mais ágil e, principalmente, mais leve.

Fim

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1	O primeiro encontro	9
Capítulo 2	Pedrinho voador	15
Capítulo 3	Não se pre-ocupe	23
Capítulo 4	A polícia!	31
Capítulo 5	Raptado pelos extraterrestres!	39
Capítulo 6	Uma questão de medidas	47
Capítulo 7	Os avistamentos	53

SEGUNDA PARTE

Capítulo 8	Ofir!	61
Capítulo 9	A Lei Fundamental	71
Capítulo 10	A fraternidade interplanetária	81
Capítulo 11	Debaixo d'água	89
Capítulo 12	A nova era	99
Capítulo 13	Uma princesa azul	105
Capítulo 14	Até a volta, Ami!	115

OUTRAS OBRAS DE ENRIQUE BARRIOS

O RETORNO DE AMI

AMI E TEQUINHA

CONTOS DE AMOR, ESTRELAS E ALMAS-GÊMEAS

O MARAVILHOSO UNIVERSO DA MAGIA

A MENSAGEM AQUARIANA

É difícil aos dez anos de idade escrever um livro. Nesta idade ninguém entende muito de literatura... nem se interessa demais; mas eu vou ter que fazer isso, porque Ami disse que se eu o quisesse ver novamente deveria relatar em um livro o que eu vivi a seu lado.

Ele me advertiu que entre os adultos, muito poucos me entenderiam, porque para eles era mais fácil acreditar no terrível do que no maravilhoso.

Para evitar problemas ele me recomendou que dissesse que tudo era uma fantasia, uma história para crianças.

Eu vou obedecer-lhe ISTO É UMA HISTÓRIA.

Este livro foi impresso
en nossas oficinas
Buenos Aires - República Argentina
en 1993

Anoitece... Pedrinho, um menino terrícola, está numa praia solitária. Observa a queda de um objeto luminoso ao mar. Alguém vem nadando até a praia. É Ami, um pequeno extraterrestre que vem à Terra para ensinar-nos nada menos que a Lei Fundamental do Universo, um segredo cósmico que ignoramos, e por isso em nosso planeta existem guerras e infelicidade.

Ami, com sua nave, leva Pedrinho a conhecer um mundo evoluído – Ofir. Neste mundo seus habitantes conhecem e praticam essa Lei, de modo que vivem em felicidade e harmonia.

O menino espacial afirma que não é impossível realizar um Ofir na Terra, e que devemos tentar fazer isso. Desse encontro surge uma missão para Pedrinho ... e para inúmeros leitores desta maravilhosa obra que, apesar de seu recente surgimento, já foi traduzida a vários idiomas.

ERREPAR
UN NUEVO CONCEPTO EDITORIAL

A 0 611 R
950-739-047-2
9 789507 390470